

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

ELSSO DE BRITO SILVA

**Interfaces entre os Impactos Ambientais e a Exploração Turística na Área de Proteção
Ambiental (APA) São Thomé**

São Paulo

2023

ELSSO DE BRITO SILVA

**Interfaces entre os Impactos Ambientais e a Exploração Turística na Área de Proteção
Ambiental (APA) São Thomé**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia

Área de Concentração: Geografia do Turismo

Orientação: Prof^a Dr^a Rita de Cássia Ariza da Cruz

São Paulo

2023

RESUMO

SILVA, Elsso de Brito. Interfaces entre os impactos ambientais e a exploração turística na Área de Proteção Ambiental (APA) São Thomé, 2023. 99 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Localizada no município de São Thomé das Letras no estado de Minas Gerais, a Área de Proteção Ambiental (APA) São Thomé, tem experenciado uma exploração turística e, subsequentes impactos ambientais. Neste sentido, esta pesquisa almeja compreender quais são esses impactos e sua relação com a exploração turística na área da APA. Para tanto, realizou-se uma análise histórica sobre como São Thomé das Letras tornou-se um “lugar turístico”, estudou-se como ocorre a produção do espaço pelo turismo na APA São Thomé e, por fim, identificou-se os impactos ambientais decorrentes do turismo na circunscrição da APA. De forma ampla, empregou-se múltiplas estratégias para alcançar os objetivos almejados, à exemplo de visita ao município de São Thomé das Letras, entrevistas semi-dirigidas, além de revisão bibliográfica. Na pesquisa, verificou-se que o turismo desorganizado, a ocupação irregular do solo pela atividade turística, além da danificação de pinturas rupestres por visitantes têm sido as problemáticas que ensejam discutir as relações entre turismo e impactos ambientais da APA São Thomé.

Palavras-Chave: São Thomé das Letras, Área de Proteção Ambiental, Turismo e Produção do Espaço.

ABSTRACT

SILVA, Elsso de Brito. **Associations between the environmental impacts and the touristic exploration in the protected area (APA) São Thomé.** 2023. 99 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Located in the city São Thomé das Letras in the Minas Gerais state, the protected area APA São Thomé has experienced a touristic exploration and, subsequent environmental impacts. In that way, this research aims to understand which are those impacts, and the relations between the environmental impacts and the touristic exploration in the protected area. To achieve the goals, it was performed a historical analyse how São Thomé das Letras became a “touristic place”, it was studied how occurs the production of space by tourism in APA São Thomé and, at last, it was identified the environmental impacts due to tourism in the limits of the protected area. It was used multiples strategies to reach the goals set, for instance a visit in the São Thomé das Letras city, semi-structure interviews, besides a bibliographic survey. The research apprehended that the disorganized tourism, the irregular soil occupation, in addition to rock painting damage has been the issues that admit discuss the relations between tourism and environmental impacts in the protected area APA São Thomé.

Kew-words: São Thomé das Letras, protected area (APA), tourism, and space production

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização São Thomé das Letras e Microrregião de Varginha	16
Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	18
Figura 3 - Pedra da Bruxa e Parque Municipal Antônio Rosa	19
Figura 4 - Igreja Matriz de São Thomé das Letras	24
Figura 5 - Casa do Rob: A primeira casa dos Hippies em São Thomé das Letras	29
Figura 6 - Panfleto da Década de 1980: São Thomé das Letras e as Drogas	34
Figura 7 - Terminal Rodoviário Bento Boaci Paranaíba em São Thomé das Letras	36
Figura 8 - Hidrografia APA São Thomé	42
Figura 9 - Localização APA São Thomé	44
Figura 10 - Folder Montanha Mágica.....	57
Figura 11 - Cachoeira Eubiose - APA São Thomé.....	60
Figura 12 - Decoração no Sítio Flor da Montanha - APA São Thomé	61
Figura 13 - Cachoeira da Lua	64
Figura 14 – Cachoeira da Lua – Placa: A Natureza Não tem Wi-Fi.....	67
Figura 15 – Cachoeira da Lua – Placa: Desligue o Som e Cure-se.....	67
Figura 16 - Cachoeira da Lua – Placa: Mate aqui Apenas Tempo	68
Figura 17 – Trecho da Estrada de terra de São Thomé das Letras - Próximo a Cachoeira do Flávio	71
Figura 18 - Cachoeira do Flávio.....	79
Figura 19 - Placa na Entrada da cachoeira do Flávio	80
Figura 20 - Pedra do Disco pichada	84

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	11
CAPÍTULO 1: O TURISMO E A HISTÓRIA DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS	12
1.1 Considerações Iniciais sobre Turismo	12
1.2 Caracterização de São Thomé das Letras	15
1.3 Lugar, Atrativo e Paisagem Turística.....	20
1.4 História de São Thomé das Letras (Século XVIII).....	21
1.5 História de São Thomé das Letras (Século XIX)	24
1.6 História de São Thomé das Letras – Indústria da Pedra (Século XX)	26
1.7 História de São Thomé das Letras – Do despontar do turismo no século XX até a atualidade	28
CAPÍTULO 2: A APA SÃO THOMÉ E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELO TURISMO	38
2.1 APA São Thomé – Caracterização Física	39
2.2 APA São Thomé – Caracterização Administrativa	42
2.3 Produção do Espaço	45
2.4 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé	52
2.4.1 Produção Imaterial do Espaço – <i>Marketing</i> Público e Capacitação Profissional.....	54
2.4.2 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé – Turismo místico/esotérico	59
2.4.3 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé – Ecoturismo	62
2.5 Produção Material do Espaço	69
CAPÍTULO 3: OS IMPACTOS AMBIENTAIS NA APA SÃO THOMÉ PELA ATIVIDADE TURÍSTICA	75
3.1 Impactos Ambientais do Turismo na APA São Thomé	77
3.1.1 Turismo Desordenado.....	78
3.1.2 Ocupação Irregular do Solo da APA São Thomé.....	81
3.1.3 Danificação de Pinturas Rupestres	83

3.2 Medida 1: Plano de Manejo.....	85
3.3 Medida 2: Lei de Eventos.....	87
3.4 Medida 3: Movimento Todos pela Água	88
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
APÊNDICE	98

INTRODUÇÃO

Localizado em Minas Gerais, o município de São Thomé das Letras abrange múltiplas riquezas naturais, advindas dos elementos bióticos e abióticos constituintes de sua materialidade geográfica. Entre esses bens naturais, menciona-se a expressiva rede hidrográfica, a vegetação nativa exuberante, o abundante repertório florístico e faunístico e a geomorfologia escarpada resultante de um relevo serrano e acidentado. Esta configuração geográfica engendrou a institucionalização de um aparato legal de proteção da natureza, sob a modalidade de Área de Proteção Ambiental (APA), visando salvaguardar e orientar o uso e a exploração dos atributos naturais de São Thomé das Letras.

Ancorando-se no Laudo Técnico do Ministério Público de Minas Gerais (2013), em São Thomé das Letras houve a implementação de duas Áreas de Proteção Ambiental (APA) na zona rural de seus domínios territoriais. A primeira Unidade de Conservação denominava-se APA Cantagalo e sua origem data de 1994, ao passo que, a segunda instituiu-se em 2003, denominando-se de APA São Thomé. No entanto, por um longo período, as áreas dessas APAs encontravam-se sobrepostas, por conseguinte, impossibilitavam a gestão sustentável dos recursos naturais. Deste modo, em 2018 transcorreu a unificação dessas Unidades de Conservação originando a atual APA São Thomé com 6032,9 hectares, o que corresponde a 60.399.000 m².

Ainda com base no MP (2013), a somatória de elementos bióticos e abióticos, associadas aos registros históricos das pinturas rupestres, ensejam a exploração turística da APA, pois “A interação entre os recursos ambientais solo, água, fauna e flora, proporciona ao local uma beleza cênica relevante, altamente atrativa sob o ponto de vista turístico” (MP, 2013, p.3). Segundo Carla Alfonsina D’Auria (2000) São Thomé das Letras despontou enquanto destino turístico na segunda metade do século XX, quando passou a receber viajantes independentes em busca de contemplação e apreciação da natureza primitiva, pouco intocada pela ação humana. Deste modo, estes bens naturais, que oportunizam a existência da atual APA São Thomé, contribuem para consolidar a prática turística, atualmente um ramo da atividade econômica fundamental para a fonte de renda dos municípios de São Thomé das Letras.

Neste sentido, a atividade turística tem participado da produção do espaço na Unidade de Conservação APA São Thomé, tanto materialmente, em virtude da construção de meios de hospedagem, bares e restaurantes, bem como tem-se realizado uma produção imaterial do espaço, empreendida pela exploração das representações simbólicas concernentes ao

misticismo/esoterismo, e a valorização da beleza cênica materializada na paisagem natural. Por conseguinte, como efeito desta produção do espaço pelo turismo, a APA São Thomé tem experenciado passivos ambientais que acarretam em consequências imediatas para a vida dos habitantes presentes. Logo, justifica-se este trabalho, pois ao apreender as interfaces entre a exploração turística e os impactos ambientais da APA São Thomé, a pesquisa enseja discussões ambientais, sociais e econômicas concernentes à conservação dos bens naturais ,e, por extensão à reprodução de vida dos habitantes de São Thomé das Letras.

Para atingir os objetivos almejados, isto é, estabelecer relações entre a exploração turística de São Thomé das Letras e os impactos ambientais da Área de Proteção Ambiental São Thomé, estruturou-se três capítulos, que refletem os objetivos específicos traçados no trabalho.

O primeiro capítulo inicia-se com breves considerações sobre turismo, entendendo-o enquanto prática social e econômica com desdobramentos geográficos. Então, realiza-se uma breve caracterização de São Thomé das Letras e uma análise histórica, desde a fundação do município ao final do século XVIII, até o momento atual, perpassando pelo despontar da atividade turística na segunda metade do século XX, mais especificamente a partir da década de 1970, que até a atualidade é uma prática que reproduz-se explorando a paisagem natural, a riqueza histórica expressa pela arquitetura vernacular e pela tradição local, bem como a imagem de cidade “mística-esotérica” ostentada por São Thomé das Letras.

O segundo capítulo começa pela descrição e investigação da existência da Área Proteção Ambiental São Thomé, desvelando-se que, segundo o MP (2013), a proteção dos elementos bióticos e abióticos existem, em especial, em virtude da existência de abundantes recursos hídricos, tais como nascentes, rios e córregos circunscritos à Unidade de Conservação em questão, cuja relevância é primordial para a atividade turística e para os moradores do perímetro urbano e das comunidades rurais de São Thomé das Letras.

No segundo capítulo também propõe-se a analisar a produção do espaço da APA São Thomé pelo turismo. Para autores como Neil Smith (1988) e Marcelo Lopes de Souza (2013) a expressão “produção do espaço” é indissociável do pensamento do filósofo francês Henri Lefebvre (1901-1991). Deste modo, por este conceito, entende-se que a reprodução da vida é indescolável da produção do espaço, assim sendo, espaço e sociedade devem ser compreendidos dialeticamente. Este pressuposto filosófico proporciona o entendimento de que a atividade turística tem produzido um espaço na APA São Thomé, explorando as suas dimensões imateriais (marketing, capacitação profissional, misticismo e romantização da natureza) e materiais (estradas e meios de hospedagem),configurando o que Ana Fani Alessandri Carlos (2002)

caracteriza como espaço-mercadoria, isto é, a sobreposição do valor de troca em relação à própria reprodução da vida expressa pelo valor de uso do espaço.

No último capítulo analisa-se os impactos ambientais da APA São Thomé promovidos pela atividade turística. Deste modo , depreende-se de Ruy Moreira (2012) que o meio ambiente não encontra-se apartado do quadro de reprodução da vida humana. Neste encalço, os impactos ambientais realizados pela atividade turística decorrem de demandas sociais, bem como afetam os moradores de São Thomé das Letras, por conseguinte são impactos socioambientais, em virtude de suas consequências imediatas para os municípios. Outrossim, este último capítulo discorre sobre as medidas realizadas para diminuir ou eliminar os impactos ambientais que são: o atual plano de manejo, a lei de eventos (1.489/2019) e o movimento social e ambiental “ Todos pela Água”!

No que tange a metodologia do trabalho, empregou-se uma revisão bibliográfica baseada em trabalhos acadêmicos, livros, artigos científicos, websites e documentos oficiais. A metodologia também consistiu na realização de um trabalho de campo no município de São Thomé das Letras, realizado entre os dias 06 e 09 de janeiro de 2023. Por último, a metodologia baseou-se em 4 entrevistas, duas das quais foram realizadas com a chefe do Departamento Municipal de Turismo (DETUR), Carla González, 1 entrevista com Vinicius do Couto Carvalho, membro da equipe técnica de elaboração do Plano de Manejo e, por fim, 1 entrevista com Ana Marcondes Sigaud, integrante do movimento “Todos pela Água”. Os entrevistados foram unâimes em permitir a reprodução de suas falas e de seus nomes na pesquisa.

Por fim, segundo o MP (2013), o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) prevê que uma APA deve disciplinar o processo de ocupação, assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e proteger a diversidade biológica. No entanto, estes objetivos não estão sendo cumpridos integralmente na APA São Thomé em virtude do turismo desorganizado e da ocupação desordenada do solo por loteamentos irregulares submetidos à atividades de lazer, bem como a Unidade de Conservação em questão não está realizando os seus propósitos em proteger o patrimônio histórico e arqueológico municipal, haja vista a danificação de pinturas rupestres na APA São Thomé por visitações turísticas.

OBJETIVOS

Objetivo Geral da Pesquisa: apreender por que ocorrem e quais são os impactos ambientais na APA São Thomé decorrentes da exploração turística do município de São Thomé das Letras

O objetivo geral da pesquisa foi desdobrado em três objetivos menores, que correspondem aos objetivos específicos que são:

Objetivo específico 1: Analisar o processo de histórico de transformação de São Thomé das Letras em lugar turístico;

Objetivo específico 2: Explicar como ocorre a produção do espaço na APA São Thomé em decorrência da exploração turística do município;

Objetivo específico 3: Identificar os impactos ambientais decorrentes da produção do espaço da APA São Thomé pela atividade turística.

CAPÍTULO 1: O TURISMO E A HISTÓRIA DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS

Neste primeiro capítulo, em um primeiro momento, almeja-se apresentar a perspectiva de turismo defendida no trabalho, e, em um segundo momento traçar a análise histórica de São Thomé das Letras, revelando-se, assim, como o município tornou-se um “lugar turístico”.

1.1 Considerações Iniciais sobre Turismo

A definição oficial de turismo elaborada pela Organização Mundial do Turismo (OMT), é formulada pelo seguinte enunciado: “o turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estada em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras” (OMT, 2001, p.38). A despeito da relevância desta conceituação, a OMT (2001) adverte que em função do fato de o turismo ser multidisciplinar, contemplando diversas disciplinas acadêmicas, por conseguinte, há variadas interpretações que encerram distintas apreensões da atividade turística. Neste sentido, um possível enfoque que delinea um entendimento do turismo baseia-se em compreendê-lo enquanto prática social, econômica e com implicações geográficas.

Justifica-se apreender o turismo enquanto prática social, pois, esta atividade encerra uma historicidade, por conseguinte, destinos e lugares turísticos não são a-históricos, mas sim engendrados cultural e historicamente pela sociedade. Marc Boyer (2003), afirma que nenhum lugar é turístico em si, posto que o turismo constitui um produto da evolução sociocultural humana. Nos termos de Rita de Cássia Ariza da Cruz (2003, p.8) “nenhum lugar turístico tem sentido por si mesmo, ou seja, fora do contexto cultural que promove sua valorização, em dado momento histórico”.

De acordo com Boyer (2003) a palavra turismo é um neologismo originário do inglês “The Tour”, isto é, uma viagem específica, na qual desloca-se no espaço, contudo, retorna-se ao ponto de origem realizando um “Tour”. Neste sentido, o autor afirma que a Inglaterra no século XVIII, além de realizar uma Revolução Industrial efetuou também uma Revolução Turística, posto que, em contraposição à burguesia ascendente, a aristocracia passou a cultivar certos valores de gratuidade, nos quais se incluíam a riqueza ociosa, a cultura greco-romana e, sobretudo, as viagens sem obrigação.

Por consequência desta prática aristocrática, recrudesceu o número de diários de viagem e guias turísticos, bem como inventou-se “lugares turísticos”, uma vez que o “Tour” recorrentemente incluía Paris, Roma, lugares da Antiguidade Clássica greco-romana e,

posteriormente, Suíça, Grécia, Espanha e Egito em seus roteiros. Além de lugares, o turismo forjou modas, práticas e certas atividades, tais como o termalismo e a descoberta das montanhas e praias.(BOYER, 2003). Deste modo, para o autor, ao ensejar condições materiais e imateriais, a civilização industrial engendrou a prática turística, tornando-a essencialmente capitalista.

Além de prática social, outrossim, o turismo é uma prática econômica. Paola Verri de Santana (1999) alude ao turismo enquanto “indústria sem chaminé”, porém que necessita da “indústria com chaminé” para realizar-se. Em outros termos, o turismo é essencialmente centrado no setor terciário, todavia, a atividade turística abrange transportes rodoviário, hidroviário, aéreo e ferroviário, que são produtos eminentemente industriais, logo provenientes do setor secundário da economia. Nos termos de Ana Fani Alessandri Carlos (2002, p. 4)

Assim, no momento atual, o turismo é essencialmente uma atividade econômica, nem restrita ao plano da atividade industrial, nem de serviços. Para George Cazes o turismo não é uma atividade industrial, mas um setor que se volta exclusivamente, ao setor de serviços. É evidente que a atividade turística refere-se em grande parte à prestação de serviços, mas parece-me que também traz em seu bojo uma série de atividades produtivas o que nos leva a pensar que não se pode caracterizar o turismo enquanto atividade econômica, segundo a clássica classificação de Colin Clarke. O turismo, portanto, apareceria como um misto de atividades que se definiria na articulação entre indústria e serviços, aqui ele aparece como uma atividade capaz de produzir espaços e comportamentos, bem como coisas.

Destarte, depreende-se de Carlos (2002) e Santana (1999) que a prática turística, sob o aspecto econômico, não contempla um setor isolado, mas sim, constitui um amálgama de diversas cadeias produtivas que concretizam a atividade turística.

As dimensões econômicas e sociais do turismo geralmente encontram-se conectadas. Adyr Balastreri Rodrigues (1997) em artigo intitulado “Tempo Livre como objeto de consumo e lazer dirigido como oportunidade de manipulação” afirma que o tempo livre do trabalhador foi cooptado pela atividade turística, enquanto forma de dominação do sistema capitalista.

Segundo Rodrigues (1997) o tempo não é uma categoria homogênea, posto que, à título de exemplo, o tempo diário, necessário à nossa reprodução vital, é dividido em tempo de trabalho e tempo liberado do trabalho, de maneira que, este último contempla o tempo biológico e o tempo social. Enquanto o tempo biológico é utilizado para dormir e alimentação, por exemplo, o tempo social é mobilizado de formas diversas, compreendendo, o tempo discricional, que corresponde ao tempo livre propriamente dito.

O chamado tempo discricional do trabalhador, no entanto, para Rodrigues (1997) não é utilizado para o indivíduo na realização do ócio, no qual o trabalhador pode ficar sem fazer absolutamente nada, mas sim, os sujeitos sociais são estimulados a consumir, viajar e ocupá-lo de forma produtiva. Por conseguinte, para a autora, o tempo livre tornou-se tempo social, isto é, um tempo em que se desenvolve novas relações sociais nas quais o lazer é usufruído enquanto mercadoria, passível de ser vendida e comprada, constituindo-se, portanto, como um produto da sociedade de consumo. Neste sentido, o turismo é uma prática que estimula o consumo produtivo do tempo discricional ,e, portanto, submete os indivíduos aos domínios do capital.

Estas ponderações ensejam refletir como os tempos de lazer estão umbilicalmente conectados aos tempos de trabalho, uma vez que, o turista somente usufrui do lazer mediante aos seus próprios rendimentos auferidos por alguma atividade produtiva, bem como, o turismo reproduz-se explorando uma força de trabalho, envolvendo, assim, o trabalhador em um impasse, posto que, alguns destes postos de trabalho são precários, isto é, informais, não obstante, são essenciais para a reprodução de vida da classe trabalhadora.

Ademais, no que tange à interface entre turismo e Geografia, a geógrafa Rita de Cássia Ariza da Cruz afirma: “O turismo, entendemos, é, antes de mais nada, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo” (CRUZ, 2003, p. 5). Esta consideração é significativa, pois atesta as relações entre a atividade turística e a dimensão geográfica, no que pese, o deslocamento e o uso e produção do espaço.

De forma mais detida, de acordo com Cruz (2007) o turismo arquiteta um território-rede hierarquizado, estruturado por lugares turísticos que podem atuar como polo emissor, polo receptor e simultaneamente polo receptor e emissor de turistas. Já a relação entre turismo e uso e produção do espaço se efetua pela introdução de objetos no espaço para a realização da atividade turística, ou pela apreensão dos objetos preexistentes, convertendo-os para e pelo turismo. (CRUZ, 2003)

Por fim, Ruy Moreira (2008) afirma que a totalidade social não é um sistema, e que em cada parte o todo manifesta-se de forma multimanifestada. Portanto, depreende-se do pensamento do autor que não são as partes que explicam o todo, bem como o todo não é a soma das partes. Deste modo, este raciocínio aplica-se ao turismo, uma vez que, não é o turismo que explica a realidade, mas sim a partir do mundo é que pode-se apreender a atividade turística. Segundo Cruz (2007, p. 2)

Primeiramente, é necessário dizer que toda tentativa de uma leitura do turismo na sua relação com o espaço que parte de um isolamento desse fenômeno está, desde o princípio fadada ao fracasso. É o mundo que explica o turismo e não o contrário. Desta vez, o esforço teórico e metodológico que se nos coloca é o de tentar encontrar sentidos e significados do mundo e, a partir daí, buscar apreender a inserção da atividade turística nessa totalidade.

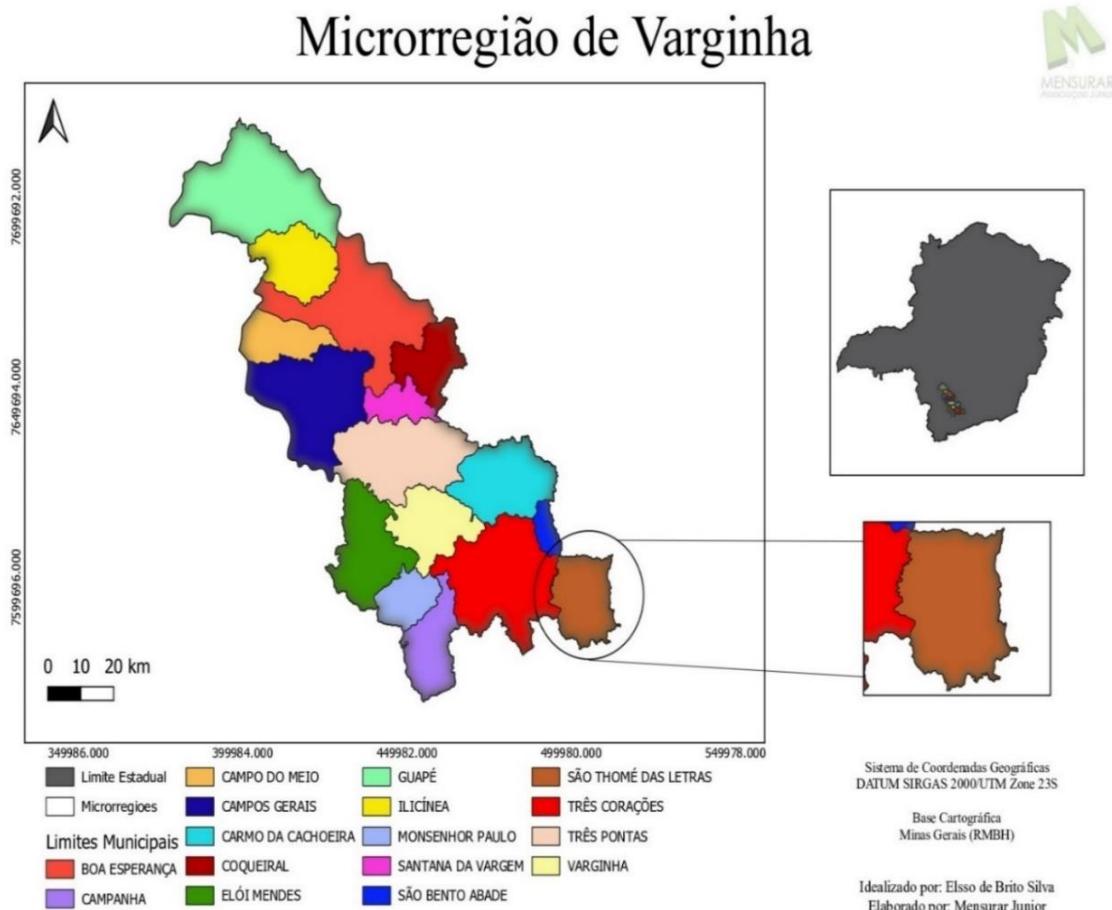
Postas estas considerações, neste presente trabalho, o turismo é compreendido como sendo uma prática social e econômica datada historicamente, pós-revolução industrial do século XVIII e XIX que pressupõe deslocamento e que tem no uso e produção do espaço o seu caráter elementarmente geográfico.

Destarte, com a concepção de turismo exposta anteriormente espera-se ter um entendimento mais detido, apurado e geográfico no que tange aos impactos ambientais da atividade turística no município de São Thomé das Letras, sul de Minas Gerais, mais especificamente na Área de Proteção Ambiental São Thomé. É na busca pelo entendimento deste objeto de estudo que se tece esta monografia, outrossim, a continuidade deste trabalho exposta nas páginas que se seguem.

1.2 Caracterização de São Thomé das Letras

São Thomé das Letras é um município pertencente à comarca de Três Corações e microrregião de Varginha, sul do Estado de Minas Gerais. Sua área corresponde a 369,52 Km² e faz divisa com as municipalidades de Baependi, Conceição do Rio Verde, Cruzília, Luminárias, São Bento Abade e Três Corações. Neste sentido, a Figura 1 ilustra o mapa de localização do município em relação a sua microrregião, bem como ao limite estadual ao qual o município se situa.

Figura 1 - Localização São Thomé das Letras e Microrregião de Varginha



Fonte: Elaborado por Mensurar Júnior e Idealizado pelo autor

Estabelecido em um conjunto serrano no qual distingue-se a serra São Thomé, no compartimento ocidental da Serra da Mantiqueira, o relevo de São Thomé das Letras varia entre ondulado (60%) a montanhoso (35%), atingido uma altitude máxima de 1430 metros, uma altitude mínima de 927 metros e uma altitude média de 1291 metros. A caracterização física do município se complementa pela presença de solos arenosos e cascalhentos e um clima tropical, mesotérmico brando e semiúmido; ademais, sua característica fitoecológica compreende o domínio morfoclimático do Atlântico, cuja formação mais expressiva é a Floresta Semideciduosa Decídua, também denominada de Floresta Tropical Mista Subcaducifólia. (FEAM, 2009; OLIVEIRA, 2017).

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2023), no censo de 2010, a população do município era composta por 6.655 habitantes, com uma densidade demográfica de 18 hab/km², porém, estima-se que em 2021 a população seja de 7.151 pessoas. Ainda com base no IBGE (2023), 1.525 pessoas encontravam-se empregadas em 2020,

sendo distribuídas pelas três principais atividades econômicas do município que são a agricultura, a mineração e o turismo.

A agricultura concentra-se nos cultivos de café, milho e cana-de-açúcar, e a mineração concentra-se na exploração, beneficiamento, transporte e comércio do quartzito. De relevante valor econômico para a construção civil, a localmente chamada “Pedra São Tomé” é empregada especialmente na ornamentação e revestimento de casas, ruas e piscinas, entre outras finalidades. Outrossim, a arquitetura vernacular de casas, igrejas e vias públicas, a paisagem natural pouco modificada, a presença de sítios arqueológicos, grutas e cachoeiras, além da imagem de cidade mística, mágica e esotérica, desde 1970, estes elementos promoveram o município enquanto atrativo turístico, fomentando, assim o turismo enquanto uma crescente e já consolidada atividade socioeconômica de São Thomé das Letras. (FEAM,2009; OLIVEIRA, 2017).

Em São Thomé das Letras, o turismo é explorado por diversos segmentos. Destaca-se o turismo denominado de *turismo de natureza* ou *ecoturismo* que explora os recursos naturais, especialmente, a natureza exuberante, ainda pouco modificada pelo ser humano no alto da serra. A geomorfologia, a pedologia e a hidrologia local também sustentam o ecoturismo ao oportunizar estabelecer práticas esportivas, nas quais se incluem o *trekking*, o montanhismo, o *rapel*, o *canoying*, *mountain-bike* e *motocross*. Além do turismo de natureza, em São Thomé das Letras se faz presente o turismo cultural efetuado, em primeiro lugar, pelo turismo histórico, existente em função da Igreja Matriz e da Igreja Nossa Senhora do Rosário e, em segundo lugar, pelo turismo místico-esotérico, responsável por forjar a imagem de São Thomé das Letras como “cidade mística”, de maneira que, sua exteriorização se faz no nome de pontos turísticos (cachoeira Eubiose, cachoeira *Sangrilá*, Pedra da Bruxa) e nas decorações de múltiplos estabelecimentos comerciais espalhados pelo município. (OLIVEIRA, 2017).

Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Rosário



Autor: Elsso Silva (2023)

Figura 3 - Pedra da Bruxa e Parque Municipal Antônio Rosa



Autor: Elsso Silva (2023)

A Figura 2 representa um importante ponto turístico de São Thomé das Letras: Igreja Nossa Senhora do Rosário. Enseja-se qualificá-la enquanto atrativo histórico, em primeiro lugar, pois a sua edificação incorpora a arquitetura vernacular local, denominada de *cavaco*, consistindo, assim na sobreposição de rochas de quartzito. Em segundo lugar, a igreja iniciou sua construção no século XVIII pelos escravizados, deste modo, a edificação é representante da cultura negra em São Thomé das Letras.

Destarte, consoante a grande historiadora de São Thomé das Letras, Carla Alfonsina D'Auria (2000), em 1985 o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA – MG) , tombou a igreja, tornando-a do ponto de vista legal, um conjunto arquitetônico de São Thomé das Letras, reiterando, assim, os seus atributos históricos largamente explorados pela atividade turística.

Por sua vez, a Figura 3 é ilustrativa de que, não raro, os recursos naturais são explorados concomitantemente às representações místico-esotéricas, posto que, o nome do atrativo “Pedra

da Bruxa” alude ao universo mágico e, simultaneamente o ponto turístico se situa no Parque Municipal Antônio Rosa, uma área tombada no âmbito municipal em 1997 em virtude de seus atributos florísticos e paisagísticos, constituindo-se, assim, em um patrimônio natural de São Thomé das Letras.

1.3 Lugar, Atrativo e Paisagem Turística

Entende-se por “Lugar Turístico” os lugares já apropriados pela atividade turística, ou que potencialmente podem tornar-se turísticos, de maneira que, distinguem-se de lugares não turísticos, sobretudo pela presença do turista e de objetos como meios de hospedagem e infraestruturas de lazer. Tais porções do espaço geográfico são objetos de valorização, tanto em seus aspectos naturais quanto culturais tornando-se assim, atrativos turísticos, de forma que, a paisagem, entendendo-a aqui grosseiramente, enquanto a porção visível do espaço, é componente relevante para a constituição de atrativos e lugares turísticos, bem como elemento orientador de fluxos de turistas. (CRUZ, 2003)

Admitindo o turismo enquanto prática social, então isto implica considerá-lo a partir de suas imbricações com a cultura, por conseguinte, “faz-se necessário reconhecer que os lugares turísticos são inventados culturalmente e que, da mesma forma, o são os atrativos turísticos e as paisagens turísticas” (CRUZ, 2003, p. 8-9). Deste modo, lugares, atrativos e paisagens turísticas não são a-históricos, mas sim devem ser compreendidos a partir das injunções culturais e sociais historicamente motivadoras de sua valorização.

Tais considerações assumem relevância ao autorizar afirmar que a cidade de São Thomé das Letras não surgiu em função do ou para o turismo, mas sim, em um dado momento histórico, mais precisamente na segunda metade do século XX, passou a incorporar o turismo enquanto atividade integrante da produção de seu espaço, tornando-se, assim, até a atualidade uma importante prática social, econômica e cultural do município. Para uma análise mais detida deste longo processo, faz-se necessário recorrer à História de São Thomé das Letras, uma “*cidade de pedra, mas com o coração do tamanho de Minas*”.¹

¹ Esta frase intitula uma matéria do jornal do Estado de Minas do dia 8 de maio de 1984, de autoria de Mário Lúcio de Oliveira Flecha (D'AURIA, 2000, pág. 213)

1.4 História de São Thomé das Letras (Século XVIII)

No século XVIII, a capitania de Minas Gerais era reconhecida pela exploração de minérios, destacando-se o ouro e o diamante. Sendo assim, em locais propícios à extração, estabeleceu-se assentamentos humanos como os “arraiais”, para os quais convergiram tanto estrangeiros quanto a população colonial, constituindo assim, em uma “força centrípeta” exercida sob Minas Gerais, tornando o eixo centro-sul do território da colônia, uma centralidade econômico-política. (D'AURIA, 2000; ZOLINI, 2007).

Durante o auge da exploração aurífera e diamantífera de Minas, estabeleceu-se um intercâmbio de alimentos e mercadorias diversas unindo comercialmente Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, levando ao desenvolvimento de atividades agropastoris em torno das rotas comerciais com a finalidade de abastecimento de tropeiros e viajantes. No entanto, após a segunda metade do século XVIII, o *rush* aurífero entrou em crise, alimentando a fuga de muitas pessoas das áreas mineradoras que acabaram sendo absorvidas pela agricultura e pecuária destes antigos postos de abastecimento, fomentando assim o surgimento de vilas e povoados. (ZOLINI, 2007)

Enquanto em Vila Rica e suas proximidades concentrou-se a mineração de pedras preciosas, o sul de Minas não tão abundante em minérios, caracterizou-se no final do século XVII e ao longo do século XVIII por absorver forasteiros provenientes da crise da extração mineral, proliferando localmente atividades agropastoris à exemplo da plantação de fumo em Baependi, Aiuruoca, Pouso Alto e Carrancas denotando, deste modo, seu papel marginal sob o aspecto econômico-financeiro em uma realidade colonial voltada à mineração. (D'AURIA, 2000; ZOLINI, 2007)

É neste contexto histórico, político e econômico que se situa o surgimento de São Thomé das Letras.

No terceiro quartel do século XVIII, o terreno do presente município de São Thomé das Letras se inseria no perímetro da *Fazenda Campo Alegre* controlada pelo imigrante português João Francisco Junqueira, responsável por estabelecer atividades agropastoris no sul mineiro. A história da origem da cidade se associa com a família Junqueira em virtude de uma lenda local, difundida pela memória coletiva dos munícipes e pela atividade turística (D'AURIA,

2000). Uma das várias versões sobre o mito de fundação de São Thomé enuncia a seguinte narrativa²:

João Antão, escravo da Fazenda Campo Alegre, resolveu fugir e se esconder em lugar seguro, após descoberto um caso que tinha com a irmã de seu senhor. Abrigou-se então em uma gruta no alto da serra, alimentando-se de frutos, raízes, caça e pesca.

Certo dia, apareceu ao escravo um senhor de vestes brancas, que lhe escreveu um bilhete, dizendo-lhe que entregando ao seu amo, este o perdoaria.

Ao ler o bilhete o fazendeiro lhe ordenou que o levasse até à gruta. Lá chegando encontraram em seu interior uma imagem de São Thomé, entalhada em madeira.

Por ser de profunda religiosidade, O Capitão João Francisco mandou erguer uma capela onde mais tarde (1785) foi construída a Igreja Matriz.

O senhor de vestes brancas acredita-se que era o próprio São Thomé.

E na entrada da mesma gruta existem pinturas em tons avermelhadas semelhantes a "letras"; daí a origem do nome da cidade São Thomé das Letras. Atribuem-se essas "letras" ao santo como prova de sua aparição ou ainda a índios ou até mesmo a extraterrenos. (D'AURIA, 2000, p. 235-236)

A despeito da veracidade ou não do mito, a origem de São Thomé das Letras é sintomática de que o sul da capitania de Minas Gerais era constituído por uma população de múltiplas procedências socio geográficas, o que culminou em uma complexa organização social, marcada por uma cultura popular sincrética controlada pelo sistema colonial. Desta forma, João Francisco, também conhecido como “patriarca” era o representante do branco europeu e, João Antão um exemplar da cultura negra, ao passo que as pinturas monocromáticas de coloração vermelha inscritas nas grutas das cidades, (chamadas localmente de tocas), representam o componente indígena, apesar de que, no mito originário da cidade não exista nenhuma referência à população nativa, possivelmente em virtude do seu extermínio quando se estabeleceu assentamentos coloniais no sul da capitania de Minas Gerais, expressando, portanto, o padrão cultural forjado no convívio entre brancos e escravizados. (D'AURIA, 2000).

Sob este ambiente que, em torno de 1770, o padre Francisco Alves Torres ordenou adjacente à gruta São Thomé a construção da capela São Thomé, que em 1785 foi substituída pela Igreja Matriz de São Thomé das Letras, a partir da qual desenvolveu-se o arraial, o

² Esta narrativa foi elaborada pela Associação comercial e Industrial e pela prefeitura em um panfleto no ano de 1998, que contemplava os principais pontos turísticos, bem como, sugestões e orientações comportamentais aos turistas (D'AURIA, 2000)

povoado, o distrito e, em 1962 venho a se instituir o atual município de São Thomé das Letras. (D'AURIA, 2000)

Neste sentido, a Figura 4 representa a Igreja Matriz de São Thomé das Letras. Segundo D'Auria (2000), a sua riqueza histórica, somada ao rico ornamento interno em estilo rococó, facultaram no ano de 1996 o tombamento da Igreja Matriz pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA – MG) , bem como o casario e as ruas adjacentes ao perímetro do largo em frente à igreja. Ademais, a igreja abriga os túmulos de João Francisco Junqueira, o patriarca, e de Gabriel Francisco Junqueira, o Barão de Alfenas, que foram ambos, proprietários de terras e de escravos constituindo-se ,portanto, elementos representativos da antiga oligarquia mineira. Este poderio se expressa na localização da Igreja, posto que, situada em uma área de topografia elevada no terreno da cidade, desta forma, a igreja demonstra exercer um poder simbólico em relação as demais edificações de São Thomé das Letras. (D'AURIA, 2000; OLIVEIRA, 2017).

Figura 4 - Igreja Matriz de São Thomé das Letras



Autor: Elsso Silva (2023)

1.5 História de São Thomé das Letras (Século XIX)

A partir do registro de 373 moradores e 75 residências em 1837, então São Thomé das Letras obteve sucessivas evoluções sob o ponto de vista político-administrativo. Em 1840, São Thomé das Letras foi integrada a organização administrativa e judiciária do Império, dada a sua elevação à condição de Paróquia, subordinada à Freguesia de São João Del Rei. No ano seguinte tornou-se instituída à Freguesia de Lavras, passando à condição de distrito de Baependi em 1842. Com o número de 75 habitações em 1837 e em 1884 com 128 “fogos” como administrativamente eram conhecidos as moradias no período imperial, o número de 75 moradas facultou, no ano de 1856, a construção de um Juiz de Paz no distrito, encarregado de ocupar-se de disputas judiciais, nas quais eram inclusas agressões físicas realizadas em praça

pública com tiros, facadas e porretes, inadimplência e desiguais distribuição de terra, entre outras questões. (D'AURIA, 2000; ZOLINI, 2007).

Para além do aspecto administrativo, São Thomé das Letras vivenciou movimentada atividade política no século XIX, em virtude de Gabriel Francisco Junqueira, filho do “patriarca”, ter tido ativa participação no Período Regencial e no 2º Império. Representando a oligarquia mineira na ala “Liberal” no concerto político-institucional nacional, Gabriel Junqueira foi eleito deputado em 1831 para a Assembleia Nacional Constituinte, mas acabou solicitando licença do cargo em 1833. Em 1842, Gabriel Francisco Junqueira voltou à cena política, ao participar da *Revolução Liberal de 1842* opondo-se, junto às províncias de Minas Gerais e São Paulo a dissolução da Câmara de Deputados e as leis regressistas da época. Sendo assim, Gabriel apoiou a corporação “Coluna Junqueira”, que a partir de São Thomé das Letras sublevou-se em direção à corte, porém, inferior numericamente às tropas nacionais, terminou sendo dispersada em Baependi. Gabriel Junqueira foi preso, julgado, mas, perdoado, e, em 1848 foi reconhecido pelo título nobiliárquico de Barão de Alfenas, título este que intitula a praça defronte a Igreja Matriz de São Thomé das Letras (D'AURIA, 2000)

Enquanto o século XIX foi politicamente intenso em São Thomé das Letras, de maneira contrária, experenciou-se no local pouca dinamização econômica. Tal condição de depauperamento perdurou até as primeiras décadas do século XX, sendo captada por um viajante em 1930, cujo relato Hermes da Fonseca Filho reproduz nas palavras a seguir³:

A séde do distrito é hoje um arraial decadente, com menos de quatrocentos habitantes, sem industria e sem vida propria, e tendo como interessante característica a curiosissima forma de construção de suas casas. São duzentas e poucas as casas que compõem a aldeia; quasi todas construídas de Lages de pedras, deitadas umas sobre as outras e a maioria cobertas tambem pelas ditas lages: uma cidade de lages e lagedos. "A maior parte dessas casas permanece fechadas, todavia, pois pertencem a fazendeiros que só as frequentam em dias festivos, o que torna lugubre o aspecto: uma authentica cidade morta". (FILHO, 1935, p. 11-12 apud D'AURIA, 2000, p. 301-302)

A peculiar construção das casas, anteriormente mencionada, se fazia por meio das rochas de quartzito. Por conta da escassez de terra, acompanhada do isolamento geográfico ao qual São Thomé das Letras encontrava-se no final do século XIX e princípio do século XX, então, os habitantes não detinham acesso a materiais de construção de alvenaria, assim,

³ Optou-se neste trabalho por realizar, tal qual fez a autora, em reproduzir as falas de forma idêntica, incluindo a linguagem e a ortografia da época que o trecho foi escrito.

passaram a suprir tal carência erigindo suas moradas a partir das rochas quartizíticas, constituindo uma arquitetura própria e singular identitária da história do povo são-tomeense, que é, até a atualidade prestigiada por moradores e visitantes, incluindo os turistas. (D'AURIA, 2000).

O depauperamento econômico no final do século XIX se patenteava pela população do distrito composta, essencialmente, por pessoas empobrecidas e humildes, que exerciam para a sua sobrevivência atividades agropastoris e um pequeno comércio com os municípios vizinhos à São Thomé das Letras. No que tange à agricultura, destaca-se o cultivo da cana de açúcar e a proeminência do café. Ademais, as lavouras eram complementadas pelo cultivo do fumo e de cereais. A pecuária, era essencialmente bovina e suína, e, eventualmente, sua criação se fazia pelos recursos de grandes fazendeiros, o que contribuiu para, além do uso local, os rebanhos terem sido comercializados com as localidades vizinhas.(D'AURIA, 2000).

Sob o lombo de burros subiam a serra uma gama de víveres, que contemplavam carnes de frango, carneiro e vaca, sal, açúcar, leite e ovos. Para mais, o comércio abrangia lenha, pedras, cal , tábuas de pinho, tábuas de cedro e óleo. No final do século XIX, a economia era complementada pela existência de casas de aluguel, cujos rendimentos se efetuavam mensalmente. (D'AURIA, 2000).

Apesar do isolamento geográfico, o intercâmbio comercial de São Thomé das Letras com outros lugares do Brasil foi facilitado, ainda que de maneira modesta pela inauguração da estação São Thomé em 1884, um dos trajetos constituintes da *Estrada de Ferro Minas & Rio* que conectava a então vila de Três Corações com a cidade de Cruzeiro, no interior de São Paulo. (D'AURIA, 2000).

A despeito da importância da *Estrada de Ferro Minas & Rio* por romper o isolamento geográfico, todavia, somente com o advento da Indústria da Pedra na década de 40 do século XX é que São Thomé das Letras vai adentrar nos circuitos econômicos nacionais, e, até mesmo internacionais, proporcionando o fluxo de recursos materiais para os habitantes do alto da serra.

1.6 História de São Thomé das Letras – Indústria da Pedra (Século XX)

A pobreza dos moradores, associada com as dificuldades de acesso à São Thomé das Letras, fizeram com que o distrito não fosse partícipe da modernização imprimida pela implantação do ambiente Republicano. A utilização dos quartzitos para o soerguimento de suas moradas, eram um exemplo disto, pois limitando-se à construção de residências bem como, eventualmente, para a fabricação de fornos de farinha, então as rochas eram exploradas

essencialmente em seu “valor de uso”, na busca por suprir as necessidades imediatas dos moradores. (D'AURIA, 2000; OLIVEIRA, 2017).

No entanto, a partir da década de 40, ocorre a instalação de empresas em São Thomé das Letras que objetivavam a exploração das rochas quartizíticas com finalidade comercial. Entre os empreendimentos, menciona-se a Sales Andrade e, em especial a Jesiel Siqueira Luz e Companhia Ltda., pois o seu proprietário foi, localmente, pioneiro na extração de quartzitos visando a sua venda, e realizou com a Igreja Católica, de administração da“ Mitra Diocesana de Campanha”, um contrato de arrendamento para a exploração da rocha na área do patrimônio de São Thomé das Letras, iniciando-se em 1941 e perdurando até 1962.(OLIVEIRA, 2017).

O estabelecimento destas companhias, ressignificou a exploração de rochas quartizíticas, uma vez que, até então o material rochoso era empregado em seu “valor de uso”, buscando atender as necessidades de sobrevivência dos habitantes de São Thomé das Letras, contudo, com a construção e sofisticação das infraestruturas de produção, transporte e comércio da mineração, então, o “valor de troca” da rocha se sobrepôs ao seu “valor de uso”, facultando a integração de São Thomé das Letras aos nexos econômicos, financeiros e comerciais nacionais. Entre as consequências deste “impulso modernizador”, se situa o desenvolvimento de um mercado de trabalho local e da construção de mais vias de acesso ao alto da serra. (OLIVEIRA, 2017)

De acordo com D'Auria (2000), a Indústria da Pedra consolidou-se na década de 70 e 80, de maneira que, contrapondo-se aos instrumentos incipientes utilizados no início da Indústria, (brocas, marretas, canecas e força braçal), na segunda metade do século XX, a extração do quartzito de São Thomé das Letras se realizava pelo uso de explosivos e máquinas, entre os quais se incluíam compressor à óleo diesel, utilizada para furar minas, e tratores de esteiro e pás carregadeiras, cuja utilização residia em livrar as lavras do entulho. Outrossim, a exploração de quartzitos granjeou mercados nacionais e internacionais, pois:

Fato é que ainda nos últimos anos da década de 70, os quartzitos de São Thomé eram comercializados tanto dentro de Minas Gerais como em outros estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Espírito Santo, Paraná, Distrito Federal, Rio Grande do Sul e até mesmo com outros países: Alemanha, França, Itália ... As pedras, além de descer a serra, já cruzavam os mares (D'AURIA, 2000, p. 339)

A despeito da precarização das vias de acesso, a modernização impingida pela exploração do minério “Pedra São Tomé”, na segunda metade do século XX, viabilizou uma infraestrutura de comunicação em direção à São Thomé das Letras. Por conseguinte, a partir da

década 60, além de pessoas em busca de trabalho, viajantes passaram a transitar no alto da serra, constituindo, assim, o embrião daquilo que, anos mais tarde, se tornaria a prática social turística.

1.7 História de São Thomé das Letras – Do despontar do turismo no século XX até a atualidade

237 municípios mineiros tiveram a sorte, talvez, de emanciparem-se, libertarem-se... Entre eles, o lugarejo singular, a cidade encrustada nas montanhas, São Thomé das Letras. A simplicidade do seu povo foi representada na capital por Virgílio e sua bicicleta. Na volta, este herói que venceu a distância, trouxe uma carta, um papel o símbolo do município independente. A lei estadual que deu nova vida a este lugar foi datada de 30 de dezembro de 1962 e o ano de 63 despontou com sabor de independência e vislumbres de um futuro promissor.

(D'AURIA,2000, p. 320)

À época de sua emancipação política-administrativa de Baependi em 1962, o recente município de São Thomé das Letras era majoritariamente rural, pois de acordo com os dados do censo do IBGE de 1970, dos 6796 habitantes, somente 631 viviam na área urbana e, o total de domicílios (urbano e rural) contemplava 1331 moradas. Destaca-se que nesta época, as habitações não dispunham de uma rede sanitária e de água encanada, e no alto da serra, alguns itens eram raros entre a população, entre os quais se incluem geladeira, automóveis e televisões. A comida era preparada por fogão à lenha e o sistema de esgoto era constituído por fossas sépticas ou os dejetos eram despejados em canos para fora das residências. (D'AURIA, 2000).

Malgrado ainda serem dificultosas as vias de acesso, dado as estradas serem de terra e inexistir rodoviária, todavia, já havia alguns poucos viajantes, tanto individuais quanto em grupos que passaram a deslocar-se para São Thomé das Letras na busca por aventuras. Deste grupo, se destacavam os *hippies*, que com o tempo tornaram-se partícipes da identidade de São Thomé das Letras.

Carlos Walter Porto Gonçalves (2006) assinala que na segunda metade do século XX os preceitos marxistas assentados na missão proletária de destituir da burguesia os meios de produção, tornaram-se alvo de crítica, posto que as conquistas operárias, uma vez institucionalizadas pelo Estado, ensejavam a perpetuidade do modo de produção capitalista. Sendo assim, para Gonçalves (2006), na década de 60, no seio de alguns setores da sociedade, deslocou-se a crítica ao modo de produção para uma crítica ao modo de vida, pautando-se na realidade concreta de negros, mulheres, jovens e múltiplas minorias étnico-sociais. Escreve Gonçalves (2006, p. 12) “ É como se observássemos um deslocamento do plano temporal (

História, futuro) para o espacial (o quadro da vida, o aqui e o agora)”. Segundo o autor, no bojo destas reflexões despontaram os movimentos *beatnik* e *hippie*, fundamentando-se na rejeição à ordem social imposta.

Neste sentido, segundo D’Auria (2000), os *hippies* , assim como outros aventureiros independentes, ao buscarem desenvolver modos de vida alternativos aos controles sociais, exercidos nos grandes centros urbanos, passaram a deslocar-se para a pacata São Thomé das Letras a partir da década de 1970. De acordo com a autora, encravada no alto da serra, e sem experenciar o progresso material de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, São Thomé das Letras oportunizou aos viajantes o isolamento do caos urbano, e a introspecção a partir da apreciação e contemplação da natureza ainda pouco modificada pela ação antrópica.

Neste encalço, os viajantes geralmente se estabeleciam em barracas, porém, pouco a pouco começaram a surgir infraestruturas para abrigar os novos visitantes. Entre estas infraestruturas, é conhecida a pensão da D. Ditinha (também intitulada de pensão do Capote, genro de D. Ditinha) que foi transformada na Pousada Arco Íris e o bar do Gê, inicialmente, um ponto de encontro para os jovens festejarem, que então converteu-se na Pousada dos Sonhos, a principal instalação de turistas em São Thomé das Letras nos anos 2000. A Figura 5 retrata a casa do Rob, a primeira habitação dos *hippies* em São Thomé das Letras . (D’AURIA, 2000).

Figura 5- Casa do Rob: A primeira casa dos Hippies em São Thomé das Letras



Fonte: D’AURIA (2000)

Outrossim, conforme aponta D'Auria (2000), a boa convivência com os nativos, muitos dos quais eram humildes e tímidos, exercendo trabalhos na lavoura e na mineração, possibilitou o acolhimento destes viajantes aventureiros.

Com o aumento das visitações, a partir da década de 1970, o turismo já despontava como uma possível atividade econômica em relação à mineração, se fazendo influente por intermédio da alteração dos nomes de alguns locais, conforme criticamente demonstra Oliveira (2017, p. 47)

Um exemplo é o afloramento conhecido, até a década de 1970, como Toca do Picu, em referência a um antigo morador da região: com o desenvolvimento do turismo, passou a ser conhecido como Toca da Bruxa. A mudança de nome de alguns lugares considerados turísticos atendeu aos interesses de reprodução capitalista, em que os lugares e a paisagem são transformados em mercadorias, vendidos como produtos turísticos. Em São Thomé das Letras, há um forte apelo ao turismo místico-esotérico; assim, essas mudanças buscam fomentar esse segmento turístico no município. Outros exemplos são a Cachoeira Eubiose, a Cachoeira das Ninfas, a Cachoeira Antares, e a Cachoeira Shangrilá. Esses nomes exógenos à cultura local ilustram os novos referenciais que se impõem no lugar, em favor da atividade turística.

As ponderações de Oliveira (2017) são corroboradas por D'Auria (2000), visto que entre as décadas de 1970 e 1980 difundiu-se a imagem de cidade mística atrelada à São Thomé das Letras. Ilustra-se este fenômeno pelo artigo de 1983, atribuído à gestão do prefeito Hildo Vilela, concernente a doação de terrenos a quem se dedicasse residir no município, pois:

Além da oferta, o artigo reiterava a imagem de São Thomé, que a imprensa ajudou a construir. Local onde o tempo passa mais devagar; cidade mística e perdida no tempo; exploração de pedras – única fonte de renda; não tem nenhum policial nas ruas, gente andando com passos lentos, lendas, mistérios, inscrições rupestres – extraterrestres.
(D'AURIA,2000, p. 343)

A representação mística-esotérica atribuída à São Thomé das Letras é tributária de reinterpretações da doutrina da Sociedade Eubiose. Esta organização distingue-se por ser “uma escola iniciática, voltada a conhecimentos esotéricos, ao aperfeiçoamento espiritual e a autoconsciência, buscando congregar, construir e religar integralmente as dimensões do sagrado, profano, divino e humano” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE EUBIOSE, 2016 apud OLIVEIRA, 2017, p. 15). De acordo com Zolini (2007) a sociedade de Eubiose com sede em São Lourenço (MG), localiza-se em São Thomé das Letras desde 1938.

A doutrina Eubiose defende a existência de um governo oculto do mundo, responsável por, misteriosamente, conduzir espiritualmente a humanidade. Este governo oculto, estaria em um mundo subterrâneo que comunica-se com a face da terra em virtude de *cidades Jinas*, que se distinguem de outras localidades, por apresentarem embocaduras a partir das quais emanam vibrações e trocas energéticas, facultando, assim, a intervenção do governo oculto do mundo no funcionamento e conduta das sociedades humanas. Deste modo, a Sociedade Eubiose crê que São Thomé das Letras seja uma destas *cidades jinas*, e, por conseguinte, o alto da serra emanaria diferentes vibrações comparativamente a outras municipalidades. (D'AURIA, 2000).

Ainda que a Sociedade da Eubiose tenha se estabelecido em São Thomé das Letras na década de 1930, neste presente trabalho se defende a ideia de que o turismo somente se arquitetou enquanto prática social, cultural e econômica em São Thomé das Letras na segunda metade do século XX, quando ocorreu a apropriação e abstração da filosofia teosófica, que, então tornou-se reinterpretada e, até, distorcida, fazendo com que a mística do município, abarcasse de forma igual, duendes, bruxas, Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs) e extraterrenos. Destarte, a natureza prística associada ao misticismo/esoterismo, somadas à história do município expressa por seu povo e suas edificações forjaram a imagem de São Thomé das Letras enquanto destino turístico.

Segundo D'Auria (2000, p. 357):

O turismo místico, ou esotérico, projetou a cidade internacionalmente. A imprensa fazia (e ainda faz) bastante sensacionalismo em relação aos mistérios de São Thomé das Letras, principalmente em função da presença ali da Eubiose. Os primeiros artigos sobre o potencial turístico (década de 60), apontavam como atrações a arquitetura peculiar, a igreja matriz, por sua rica ornamentação, e a tradição oral do povo. Na década de 80, os artigos já traziam como atrativo a possibilidade de fazer contatos com extraterrestres, misturando arbitrariamente a doutrina da Eubiose à aparição de naves extra ou intra terrenas.

[...]

Enfim, vão para ali, no alto da serra, pessoas em busca de mistérios (ou de revelações), de aventura, de liberdade e descontração e de contatos com a natureza, ou somente de um local para viver...

Como efeito da modernização econômica efetuada em São Thomé das Letras, no qual a prática turística se insere, na década de 80, São Thomé das Letras experenciou uma expansão demográfica no espaço urbano, pois nesta década passou a comportar 1125 moradores na cidade, que se dividiam em 249 residências. Ainda que a estrutura sanitária continuasse

inexistente, contudo, a energia elétrica, bem como a presença de aparelhos eletrodomésticos, nos quais se incluíam a televisão em preto e branco já se faziam presente no cotidiano dos habitantes. (D'AURIA, 2000)

O aumento do número de visitantes, resultantes da crescente atividade turística, ensejou alguns habitantes ocasionais tornarem-se habitantes permanentes, isto é, moradores. Estes novos moradores na posse de novas ideias passaram a discutir as desigualdades sociais locais e debater sobre questões públicas e ambientais, portando uma postura crítica e contrária à Indústria da Pedra (D'AURIA, 2000).

A presença de novos moradores também se fez relevante, pois o encontro entre os *hippies* e a população nativa promoveu o artesanato local. Esta dinâmica se inicia com um hippie que se propôs a construir um porta-joias no formato de *casinhas*. Paulatinamente, a construção destes artefatos foi disseminado pela população, em especial entre as crianças e mulheres, por conta da substituição da técnica antes feita com cimento, passando a ser constituída por cola branca. A Casa da Cultura de São Thomé das Letras exerceu papel preponderante na difusão desta atividade e, o artesanato das casinhas de pedra ampliou-se para a fabricação de utensílios com *durebox*, nos quais encontram-se representadas figuras como fadas, duendes, gnomos e bruxos. (D'AURIA, 2000)

Apesar da dinamização econômica e social, todavia, não residiu somente em benesses o despontar do turismo em São Thomé das Letras, conforme indica D'Auria (2000). O desenrolar da atividade turística no alto da serra, promoveu a descaracterização de alguns eventos sociais, à exemplo da “Festa de Agosto”, antigamente denominada de “Festa da Colheita”. Esta festividade é aproximadamente datada do século XIX, e remete ao passado agropastoril são tomeense, posto que, durante o mês de colheita, isto é, o mês de agosto os lavradores deslocavam-se para a área urbana do então distrito para vender gêneros agrícolas e comprar utensílios necessários à sua sobrevivência, em uma realidade marcada pela escassez do equivalente monetário. Estas festividades eram animadas por banda de música, leilões de gado, e quitandas, nas quais se vendiam doce de cidra, doce de laranja, arroz doce, queijo, pão de queijo, broa, biscoito doce, cafezinho, bolo e pinga. A “Festa da Colheita”, integrava procissões, marcando o seu caráter religioso que perduraram até a década de 80, mas que se extinguiram em virtude da influência do turismo, que imprimiu à festividade novas conotações descaracterizando-a em muitos aspectos (D'AURIA, 2000). Assim sendo:

A Festa de Agosto ainda é uma celebração da colheita e nessa ocasião, muitos realmente “fazem a festa” financeiramente. Ali, que

normalmente é um local pacato, chegando mesmo a ficar, em algumas tardes “às moscas”, vendedores e compradores se encontram nas noites de São Thomé, e aí, pode-se achar de tudo, de roupas a ferramentas artigos de cozinha, produtos do Paraguai, sanduíches, churrasquinhos, pastéis, ácido, cocaína, maconha, pra quem é “descolado”, é fácil achar o “canal”. Só não se vê mais no céu a explosão dos castelos, e as quitandas e os doces de cidra, abóbora, mas aquela pinguinha... hoje tem como concorrente principal o vinho Marcon. (D'AURIA,2000, p. 356)

No trecho acima, observa-se o recrudescimento do tráfico e uso de drogas ilícitas. Na medida que o turismo se consolidou em São Thomé das Letras, concomitantemente, a imagem do município e dos municíipes foram associadas ao consumo livre de drogas, desagradando, assim, os habitantes locais que, em um gesto de contrariedade, reivindicavam a imagem da cidade sob outra ótica. É a respeito desta problemática social que o panfleto da Figura 6 protesta:

Figura 6 - Panfleto da Década de 1980: São Thomé das Letras e as Drogas



Fonte: D'AURIA (2000)

Neste sentido, na década de 1990, São Thomé das Letras já se consolidara como destino turístico atraindo um numeroso fluxo de turistas nos finais de semana e feriados prolongados. D'Auria (2000) assinala ter ocorrido na década de 1990 o irromper da modalidade do

ecoturismo ou *turismo de natureza*, na qual assomou-se algumas atividades relacionadas com práticas esportivas, incluindo, o *trekking* (caminhadas que podem ser de curta, média e longa duração), o montanhismo (o *trekking* combinado com a escalada de montanhas), o *rapel* (atividade que consiste em descer de grandes alturas utilizando cordas e freios especiais) e *canyoning* (esporte igual ao rapel, mas realizado em cachoeiras).

Por seu turno, depreende-se da importância do último decênio do século XX pela institucionalização do produto turístico de São Thomé das Letras. Oliveira (2017) aponta que no ano de 1996, o Instituto Brasileiro de Turismo, EMBRATUR, atribuiu à São Thomé das Letras o selo de potencial turístico e, assim, incorporou o município a um dos principais destinos turísticos de Minas Gerais. Não coincidentemente, segundo Oliveira (2017), a partir da década de 1990, o setor de serviços, no qual o turismo encontra-se inclusivo, superou a mineração e a agropecuária, tornando-se uma das principais atividades econômicas de São Thomé das Letras.

Outrossim, o pesquisador em Antropologia David Fleischer (2007), afirma que na década de 1990, São Thomé das Letras foi incorporada ao circuito ecoturístico intitulado “Círculo Turístico Vale Verde e Quedas D’Água”, que, contempla um conjunto de municípios mineiros que compartilham atributos naturais comuns. Entre os municípios se incluem Carrancas, Três Corações, Itumirim, Carmo da Cachoeira, Luminárias, Ingaí, Lavras e São Bento Abade, entre outros.

No entanto, esta informação está parcialmente desatualizada, uma vez que, segundo entrevista⁴ junto a chefe do Departamento Municipal de Turismo de São Thomé das Letras (DETUR), Carla González, atualmente encontra-se em transição a nomenclatura “Associação dos Circuitos de Turismo Vale Verde e Quedas D’Água” para “Região Encantos de Minas”, porém, há ainda burocracias documentais para oficialização deste título, por conseguinte, o antigo nome pode ser eventualmente encontrado.

No século XXI, São Thomé das Letras também experenciou a institucionalização de seu produto turístico, visto que, desde 2003, o município é integrante do “Círculo Turístico Estrada Real”. A inserção do município neste circuito justifica-se, pois, na configuração histórica do século XIX, São Thomé das Letras foi administrada por municípios auríferos como São João Del Rei e, posteriormente Baependi, deste modo, conjectura-se ter existido uma possível rota do ouro no alto da serra . (OLIVEIRA, 2017)

⁴ Entrevista online concedida ao autor em 26/12/2022

Ademais, no século XXI, buscando atender a demanda turística construiu-se em São Thomé das Letras o terminal rodoviário em 2003, (Figura 7), o centro de múltiplos eventos, além da pavimentação da estrada entre Três Corações e São Thomé das Letras. (OLIVEIRA, 2017).

Figura 7 - Terminal Rodoviário Bento Boaci Paranaíba em São Thomé das Letras



Autor: Elsso Silva (2023)

Diante do exposto, a formação histórica de São Thomé das Letras, assim como de todos os outros lugares, pode ser analisada à luz de Milton Santos (2006), que em sua obra “A Natureza do Espaço”, distingue a totalidade da totalização, posto que, a totalidade expressa um momento, uma etapa de um processo histórico, simultâneo, articulado e superior, denominado de totalização, cuja extensão é contínua à medida de duração da própria existência humana. Segundo Santos (2006, p. 76) “A totalidade está sempre em movimento, num incessante processo de totalização”.

As reflexões filosóficas do autor ensejam refletir como o título de lugar turístico ostentado atualmente por São Thomé das Letras se inscreve em uma universalidade superior, a

totalização, isto é, o processo de sua formação histórica que iniciou-se no terceiro quartel do século XVIII e continua até a atualidade. Destarte, o município não surgiu pelo turismo, mas sim, em um determinado momento histórico, especificamente na segunda metade do século XX, São Thomé das Letras incorporou a atividade turística, que atualmente reproduz-se explorando os atributos naturais, culturais, sociais e históricos locais. Assim sendo:

Por fim, há ainda que se considerar que a maior parte do turismo que se faz no mundo se dá em espaços previamente ocupados, ou seja, em lugares em que populações historicamente se estabeleciam e onde vivem suas vidas cotidianas. Apreender o papel do turismo na produção do espaço é tarefa, portanto, metodologicamente bastante complexa. O turismo é uma prática social e uma atividade econômica que, no mais das vezes, se impõe aos lugares, mas ela não se dá sobre uma tábua rasa, sobre espaços vazios e sem donos. (CRUZ, 2007, p. 14)

Na atualidade, o turismo não somente é uma prática social, econômica e cultural consolidada, bem como assumiu centralidade na conjuntura econômica do município. De acordo com entrevista junto a Carla González, chefe do Departamento Municipal de Turismo de São Thomé das Letras (DETUR), não há dados estatísticos precisos quanto à participação de cada atividade nos rendimentos municipais, contudo, segundo a entrevistada, durante a crise sanitária promovida pela pandemia do Covid, quando a cidade se fechou à visitação, notou-se a queda nos rendimentos de ao menos 70% dos habitantes, que direta ou indiretamente, dependem do turismo para a sobrevivência. Deste modo, pela fonte de renda dos municíipes, infere-se a proeminência da atividade turística em São Thomé das Letras.

A expressiva relevância econômica do turismo, tem se patenteado na produção do espaço de São Thomé das Letras, tanto no perímetro urbano como na zona rural, por intermédio de uma produção material, expressa em meios de hospedagens, restaurantes, bares lojas de *souvenir*, entre outros estabelecimentos, bem como pelas representações simbólicas concernentes ao místico-esotérico e a valorização da beleza cênica conformada pelos atrativos naturais da serra São Thomé. Neste contexto histórico, social e geográfico, a Unidade de Conservação Área de Proteção Ambiental São Thomé, situada na zona rural, em virtude de seus atributos paisagísticos e naturais, tem experciado uma crescente redefinição do uso e da apropriação de seu espaço pela atividade turística.

CAPÍTULO 2: A APA SÃO THOMÉ E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO PELO TURISMO

Nomeia-se “proteção da natureza” à prática humana normatizada de gestão, uso e preservação dos bens naturais. De acordo com Garay, Irving e Medeiros (2004), as “áreas protegidas” evocam múltiplas discussões ambientais, concernentes à dualidade entre homem/natureza, e, este antagonismo suscita discussões políticas, uma vez que, as ações do poder público podem reiterar a dualidade homem/natureza ou superá-la convertendo-a em práticas operacionais.

No Brasil a temática de “proteção da natureza” destacou-se no cenário político-institucional durante o governo de Getúlio Vargas na década de 30 do século XX. Ancorando-se em Garay, Irving e Medeiros (2004), a década de 30 caracterizou-se pelo enfraquecimento do domínio político da oligarquia rural, paralelamente ao aumento das forças políticas urbanas e industriais, de maneira que, neste cenário, houve o fortalecimento do Estado e de suas instituições, incorporando a temática ambiental ao arcabouço jurídico e institucional nacional.

Atualmente, o novo Código Florestal de 1965 e o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC - 2000) são os dois principais instrumentos jurídicos-institucionais de proteção da natureza do Brasil. (GARAY, IRVING e MEDEIROS, 2004)

De modo sintético, o Código Florestal de 1965 opera por intermédio de duas tipologias, que são as Áreas de Preservação Permanente (APPs) e as Reservas Legais. Assim sendo, enquanto as APPs referem-se às áreas naturais próximas a corpos hídricos, encostas e montes, as Reservas Legais dispõem sobre a proteção das áreas de florestas nativas em propriedades privadas. Por seu turno, o SNUC (2000) propõe-se proteger a natureza em território nacional, mediante ao que se denomina “Unidades de Conservação” que subdividem-se em Unidades de Proteção Integral e Unidades de Uso Sustentável. (GARAY, IRVING E MEDEIROS, 2004)

Segundo Garay, Irving e Medeiros (2004), o SNUC (2000) contempla 12 categorias de manejo, de maneira que, 5 destas são Unidades de Proteção Integral, ao passo que as demais 7 são Unidades de Uso Sustentável. A Área de Proteção Ambiental (APA) é uma das tipologias das Unidades de Uso Sustentável, de modo que, é sob esta categoria que a Área de Proteção Ambiental São Thomé encontra-se legalmente instituída.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), instituído pela Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000, define Área de Proteção Ambiental no artigo 15 do capítulo III nos seguintes termos:

A Área de Proteção Ambiental é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importante para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (Regulamento) (BRASIL, 2000, p. 11)

Deste modo, apreende-se pela definição acima exposta a permissividade quanto à ocupação humana na APA, desde que esta ocupação esteja condizente com o uso sustentável dos recursos naturais aos quais a Unidade de Conservação almeja proteger. Esta perspectiva, por seu turno, é reiterada pelo inciso nº 2º do artigo 15º que prevê a possibilidade de normas e restrições para o estabelecimento de propriedades privadas em Áreas de Proteção Ambiental.

Neste sentido, a Área de Proteção Ambiental São Thomé expressa o aparato legal que a define, uma vez que, em sua circunscrição, a APA acomoda bens naturais que conformam uma beleza cênica, ensejando, assim, a sua ocupação, tanto por habitantes permanentes que necessitam destes bens para reproduzir as suas condições de existência, bem como, pela atividade turística que redefine o usufruto dos bens naturais, tornando-os recursos, portanto, submetidos à exploração econômica, o que, entre outras consequências, imprime um diferente uso ao espaço da APA São Thomé.

2.1 APA São Thomé – Caracterização Física

A Área de Proteção Ambiental São Thomé é uma Unidade de Conservação localizada na área rural do município de São Thomé das Letras, sul do Estado de Minas Gerais. Na atualidade a APA São Thomé possui uma extensão de 6032,9 hectares, o que corresponde a 60.399.000 m² e abrange as localidades de Taquaral, Vale das Borboletas, Chapada- Paredão e os bairros de Cantagalo, Caí, Pinhal e Areado.

O laudo do Ministério Público de Minas Gerais (2013), aponta cinco razões principais que justificam a existência da APA em São Thomé das Letras.

- 1- Os Recursos Hídricos, pois a área da APA abriga nascentes, córregos e rios que abastecem o município. (MP, 2013)
- 2- A cobertura vegetal constituída por Cerrado, Mata Atlântica e Campos Rupestres. Destaca-se que esta vegetação, a despeito de suas peculiaridades, se manifesta de

forma associada, expressando-se, por consequência, em uma diversificada fauna e flora, que a APA visa proteger. (MP, 2013)

- 3- A pedologia. Majoritariamente, os solos da APA são rasos e pobres em nutrientes, assim, sua conservação deve ser privilegiada em detrimento de atividades agropastoris. Usualmente, os solos encontram-se nas proximidades de cursos d'água, em áreas de preservação permanente, ou nas partes baixas do terreno e em encostas, cobertos por Mata Atlântica. (MP, 2013)
- 4- Preservação de pinturas rupestres na APA, em virtude de sua danificação feita por visitantes (MP, 2013)
- 5- A interação de recursos do solo, da água, da flora e da fauna que constituem uma beleza cênica explorada pelo uso turístico. (MP, 2013)

Considerando a atribuição da APA São Thomé em proteger e propiciar um uso sustentável dos recursos naturais, então, os condicionantes físicos exercem uma centralidade na existência desta Unidade de Conservação. Neste sentido, para uma descrição detida destes atributos naturais da APA São Thomé, é possível recorrer ao memorial descritivo presente no documento intitulado *Área de Proteção Ambiental São Thomé de 2003* que discorre sobre a caracterização física circunscrita à APA São Thomé.

No que tange a geologia, a área da APA é constituída por um terreno do Proterozóico Inferior da Formação Lambari onde encontra-se rochas denominadas de quartzito, de granulação pura e fina, cujo uso é largamente explorado pela construção civil como pedra de revestimento. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003)

Quanto à geomorfologia, distingue-se um conjunto serrano constituinte do Planalto Compartimentado da Serra da Mantiqueira, na qual , sobreleva-se a Serra São Thomé e a Serra Cantagalo que cruzam o município no sentido Sudoeste/Nordeste atuando como divisores d'água. Por consequência, esta disposição serrana segmenta São Thomé das Letras em duas partes geomorfologicamente distintas que são, na porção ocidental, a Depressão do Rio Verde e, na parte Oriental, o Planalto de Cruzília. Ademais, a geomorfologia complementa-se por colinas e vales conformando o terreno em 5% plano, 60% ondulado e 35% montanhoso. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003)

O clima na APA é constituído por um clima tropical de altitude, com verões brandos e úmidos e invernos secos. A precipitação anual é de 1370 mm, de maneira que, os períodos secos centram-se entre abril e setembro, ao longo de 5 a 6 meses. Segundo o memorial, a média das

máximas temperaturas é 26º e das mínimas não ultrapassam 14º.(SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003).

A pedologia da APA é constituída por solos férteis aluviais de cor escura, encontrados nas várzeas, ao passo que, os solos pouco férteis geralmente são Latossolos Vermelho-Amarelos, predominantes em áreas de pastagem. Na maior parte da APA, os solos são acometidos por acidez, exigindo assim, correções que possam otimizar o seu aproveitamento. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003).

A vegetação é caracterizada por uma Floresta Tropical Mista Subcaducifólia, porém, esta vegetação encontra-se devastada em sua maior parte, permanecendo somente na forma de manchas nas elevadas altitudes das Serras, de alto declive, e, por conseguinte, de difícil acesso. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003). Aqui impõe-se uma crítica ao memorial, pois não há menção detida ao Cerrado e aos Campos Rupestres.

Pelo documento, a fauna é dividida em avifauna (as aves), a mastofauna que compreende os mamíferos e a herpetofauna, na qual há duas espécies de cobra que são a Cascavel (*Crotalus durissus*) e a Jararaca (*Bothrops itapetiningae*). (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003).

No que diz respeito à hidrografia, na circunscrição da Área de Proteção Ambiental São Thomé encontra-se uma série de cursos hídricos que contemplam o Rio do Peixe, o Ribeirão Cantagalo, Rio Caí, Córrego Vargem Grande, Córrego Caí, Córrego Marcelina e diversas nascentes ao longo da geomorfologia local. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003). Destaca-se que a hidrografia possui uma relevância para todo o município, ao abastecer os habitantes das zonas urbana e rural e por alimentar os circuitos turísticos, compostos por cachoeiras e corredeiras, cuja existência é essencial para a exploração turística.

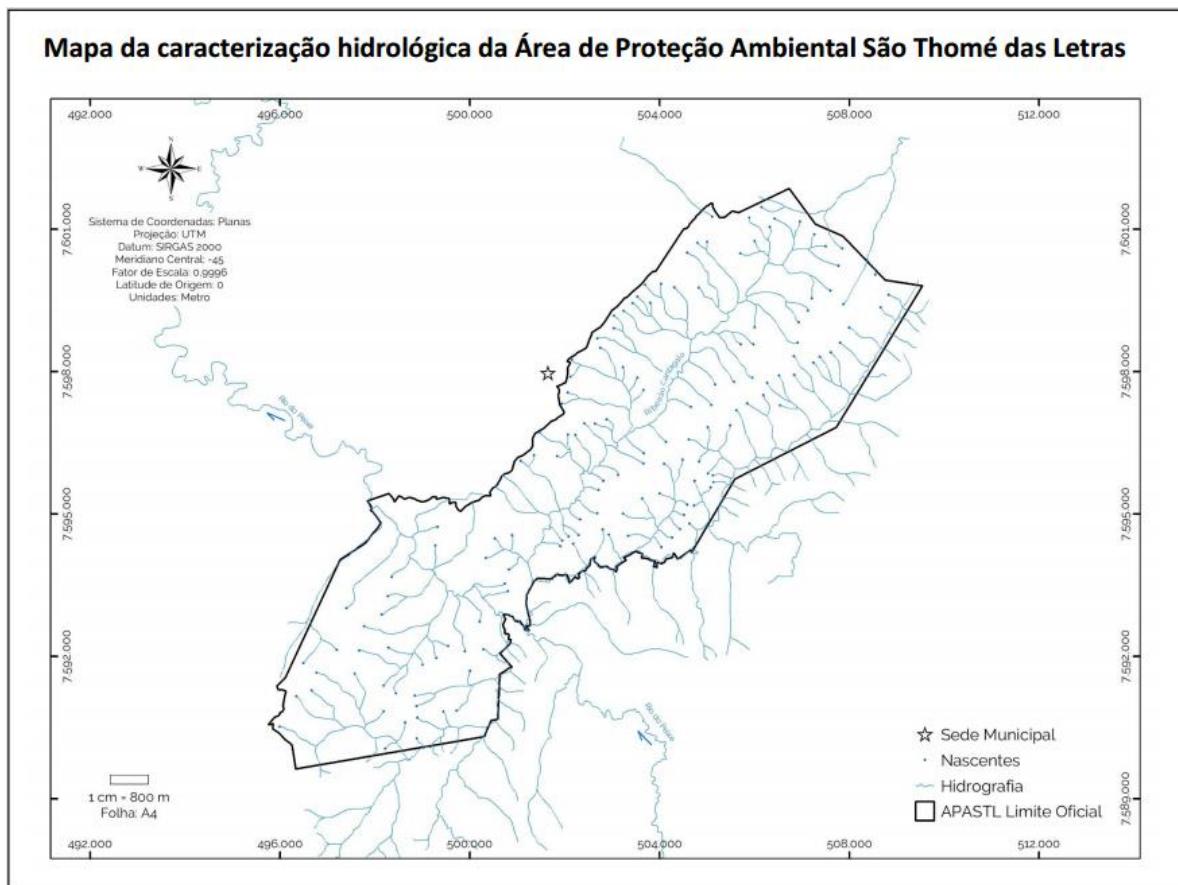
Oliveira (2017) oferece-nos uma explicação da relevância da geomorfologia e da hidrografia da APA São Thomé para o turismo e para toda extensão do município. Segundo Oliveira (2017), entre as Serras São Thomé e Canta Galo encontra-se um vale, sob o qual situa-se a bacia do Ribeirão Cantagalo e o bairro rural de Canta Galo, afastado cerca de 3 Km do perímetro urbano. De acordo com Oliveira (2017), esta disposição dos elementos hídricos e geomorfológicos promovem a atividade turística, posto que, o Ribeirão Cantagalo localizado na APA abastece um importante circuito turístico da APA São Thomé, constituído pelas cachoeiras da Lua e da Eubiose, no bairro Cantagalo, e as cachoeiras Véu de Noiva, Paraíso e Flávio que localizam-se no bairro Pinhal.

Ademais, Oliveira (2017) afirma que a Companhia de Saneamento de Minas Gerais (COPASA), realiza as suas operações de captação d'água no Ribeirão Cantagalo, distribuindo-

o no Parque Municipal Antônio Rosa, no perímetro urbano, à toda São Thomé das Letras. Destarte, depreende-se que pela relevância ao turismo e aos municíipes das zonas rurais e urbanas, a hidrografia da APA São Thomé é essencial para o município, e, sem a qual, certamente São Thomé das Letras não seria o que atualmente é, em termos econômicos, sociais, ecológicos e ambientais. Como corolário da relevância destes recursos, faz-se necessário preservá-los, justificando, assim, a existência da Unidade de Conservação APA São Thomé.

A Figura 8 ilustra a riqueza hídrica da Área de Proteção Ambiental em questão, saltando aos olhos a quantidade de nascentes circunscritas à APA São Thomé.

Figura 8 - Hidrografia APA São Thomé



Fonte: CARVALHO (2022)

2.2 APA São Thomé – Caracterização Administrativa

Segundo o documento *Área de Proteção Ambiental São Thomé* (2003), a APA São Thomé possui uma gestão participativa efetuada por diversos atores envolvidos. De acordo com

a fonte citada, realiza-se a gestão comunitária, em um primeiro momento, em virtude da própria categoria de manejo ao qual a Unidade de Conservação se inclui – APA- e, em um segundo momento, em função dos múltiplos usos e ocupações do solo circunscrito aos domínios da APA São Thomé. Por conseguinte, o Manejo Participativo da APA (Gestão Colegiada) deve integrar diversos atores entre os quais se incluem o setor produtivo, associações comunitárias e instituições governamentais. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003)

A resolução CONAMA n.010 de 1998 determina que a exploração dos recursos naturais devem processar-se sob Zoneamentos Econômicos-Ecológicos. Destarte, baseando-se nesta resolução, a APA São Thomé possuía dois Zoneamentos que eram a Zona da Vida Silvestre e a Zona de Uso Agropecuário. A Zona da Vida Silvestre, por seu turno, dividia-se entre Zona de Preservação da Vida Silvestre e Zona de Conservação da Vida Silvestre, de forma que, a primeira seria mais restritiva quanto à exploração da biota, comparada à segunda. No que tange à Zona de Uso Agropecuário, o documento previa a proibição de pastoreio excessivo capaz de causar erosão, bem como biocidas (à exemplo de determinados agrotóxicos) que não tivessem autorização pela lei vigente. Estes zoneamentos totalizariam uma área de 3.115,08 hectares. (SÃO THOMÉ DAS LETRAS, 2003). No entanto, atualmente, é possível afirmar que estes zoneamentos e esta área não existem mais, em razão das transformações administrativas pelas quais a APA São Thomé experenciou nos últimos anos.

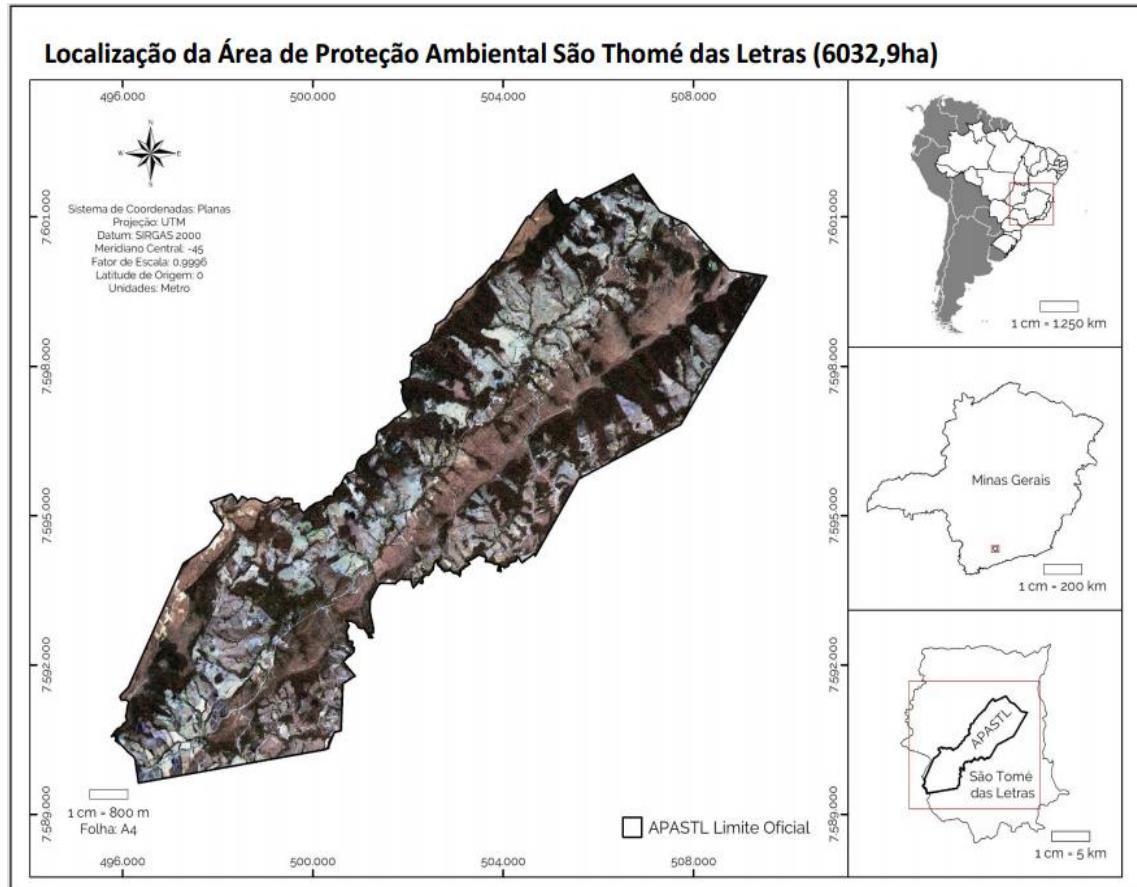
Conforme laudo do Ministério Público do Estado de Minas Gerais (2013) havia em São Thomé das Letras duas Áreas de Proteção Ambiental que eram a APA Cantagalo, instituída pelo decreto executivo nº 1 em 04 de abril de 1994 e a APA São Thomé implementada pelo decreto nº 003 de 29 de janeiro de 2003. Ainda de acordo com o mesmo laudo, a APA Cantagalo era muito superior em relação à APA São Thomé em termos de dimensão e extensão. No entanto, estas Unidades de Conservação (APAs Cantagalo e São Thomé) encontravam-se sobrepostas espacialmente, assim, impondo ao município dificuldades de gestão dos recursos naturais e humanos, pois as duas áreas inviabilizavam a construção de um plano de manejo⁵.

Deste modo, desde 2012, a prefeitura de São Thomé das Letras vem viabilizando esforços para construir um plano de gestão adequado à APA. Como resultado destes esforços, em 2018 houve uma unificação da APA Cantagalo à APA São Thomé, engendrando, assim, a

⁵ Denomina-se plano de manejo o documento construído com base em estudos físicos, biológicos e sociais de uma Unidade de Conservação. Entre as atribuições do plano de manejo encontra-se estabelecer normas e restrições para o uso de uma UC e desenvolver ações de manejo dos recursos naturais, entre outros (OLIVEIRA 2017). A análise do plano de manejo e suas implicações para a atividade turística serão analisadas no capítulo 3, por ora, faz-se necessário saber que a atual construção do plano de manejo implica na redefinição dos Zoneamentos Econômicos-Ecológicos, logo, os Zoneamentos anteriormente mencionados não mais são válidos.

atual configuração geográfica da Área de Proteção Ambiental São Thomé representada pela Figura 9.

Figura 9 - Localização APA São Thomé



Fonte: CARVALHO (2022)

No documento *Área de Proteção Ambiental São Thomé* (2003), a área da Unidade de Conservação teria 3.115,08 hectares, porém, após a unificação, na atualidade há quase o dobro disto: 6.032,9 hectares. É sob esta conjuntura que encontra-se em fase de construção o plano de manejo da APA São Thomé.

Por fim, a rica hidrografia em associação à cobertura vegetal configura uma beleza cênica e paisagística de utilidade ímpar ao turismo. Consequentemente, esses elementos bióticos e abióticos têm instigado uma crescente produção do espaço na Área de Proteção Ambiental São Thomé para e pela atividade turística. Nos próximos subcapítulos, esta temática será o objeto de estudo e análise.

2.3 Produção do Espaço

Ao almejar, refletir, analisar e compreender a relação entre sociedade e natureza, isto é, entre os homens e seu meio, a ciência geográfica apoia-se em um arcabouço teórico-metodológico diverso e plural, no qual a (o) categoria/conceito espaço emerge enquanto um dos principais instrumentos de análise da Geografia. De acordo com Roberto Lobato Corrêa (2000), o espaço é assimilado pelas mais diversas áreas do conhecimento como Economia, Matemática e Psicologia, ensejando, respectivamente, o surgimento de expressões como “Espaço Econômico”, “Espaço Topológico” e “Espaço Pessoal”, o que denota, para além da transdisciplinaridade, o rico tratamento científico inerente à entidade espacial.

A despeito de sua essencialidade, no âmbito da história do pensamento geográfico revelou-se existir múltiplas definições de espaço que encerravam distintas compreensões do ser humano e do mundo. Segundo Ana Fani Carlos (1994) não raro, tais formulações, desembocavam em uma apreensão que o espaço seria palco das atividades antrópicas, existindo, assim, uma explícita separação entre elementos naturais e humanos. O passado da geografia, no entendimento da autora, guarda uma íntima relação com a descrição “em que o espaço aparecia como elemento imóvel, destinado a servir de receptáculo ou palco da vida humana” (CARLOS, 1994, p. 31). Todavia, a exterioridade do espaço em relação ao homem tornou-se objeto de crítica pelo marxismo histórico-dialético na década de 70, favorecendo, dessa maneira, formulações que concebiam o espaço dialeticamente às determinações de ordem social.

Segundo Corrêa (2000) foi o filósofo francês Henri Lefebvre o autor de máxima notoriedade na investigação do espaço sob a ótica do marxismo, de modo que, é inseparável de sua obra a expressão “*Produção do Espaço*”, conceito este que estabelece uma relação visceral entre o espaço e seus constituintes sociais. Para Neil Smith (1988, p. 123) “a concepção da ‘produção do espaço’ deve-nos apresentar um meio de dar o próximo passo e de nos permitir demonstrar, mais do que simplesmente afirmar, a unidade do espaço e da sociedade”.

O conceito de produção de espaço engloba um pressuposto filosófico no qual entende-se que os seres humanos, ao produzirem as suas condições materiais de sobrevivência produzem espaço. Deste modo, Cruz (2007, p. 7) assevera que “a produção do espaço significava para Lefebvre a própria (re)produção da vida, ou seja, viver é, em síntese, produzir espaço”. Assim sendo:

A ideia de que as coisas acontecem "no espaço" não é somente um hábito do pensamento, mas também um hábito da linguagem, e apesar de seu apelo ao absoluto, o espaço natural é anacrônico, até mesmo nostálgico e uma barreira a uma compreensão crítica do espaço. Por suas ações, a sociedade não mais aceita o espaço como um receptáculo, mas sim o produz; nós não vivemos, atuamos ou trabalhamos "no" espaço, mas sim produzimos o espaço, vivendo, atuando e trabalhando. (SMITH, 1988, p. 132)

Destarte, o conceito assinala uma importante influência na Geografia, facultando formulações teóricas que se empenham em entender o espaço geográfico como produto histórico das atividades humanas, iluminando, assim, uma inovadora compreensão da relação homem-natureza , dos seres humanos entre si ,e, por conseguinte, da sociedade posta.

A noção de espaço na condição de produto social encontra-se explícita em Ruy Moreira (2008), para quem, a estrutura do espaço geográfico, isto é, a formação espacial é fruto de uma articulação simultânea entre as interações homem-meio e homem-homem. Neste sentido, os seres humanos, em virtude de suas necessidades biológicas e fisiológicas intervém na natureza na busca por bens que possam suprir as suas condições de sobrevivência, contudo, ao intervir no meio natural, a humanidade trava entre si relações sociais que são intrinsicamente coletivas, logo, resultantes de um trabalho social que contempla um produto e uma riqueza compartilhada coletivamente. Para o autor, “não haveria relações sociais se não houvesse a necessidade de os homens transformarem o meio natural em meio de subsistência ou de a este chegarem por meio do trabalho” (MOREIRA,2008, p.65).Desta forma, a incorporação da “primeira natureza” ao processo da história humana se efetua de forma dialética, posto que, ao transformar a natureza, de forma similar, o ser humano transforma a si mesmo, expressando a vinculação entre a dimensão social e natural, no bojo do qual emerge o espaço objetivado por esta dinâmica.

Nesta ótica, Moreira (2008) explana que a formação espacial possui as mesmas leis e movimentos da formação econômica-social, como efeito, “uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade” (CORRÊA, 2000, p.26). Em conformidade a estas considerações, é inconcebível pensar o espaço apartado da sociedade, posto que o espaço oportuniza leituras e interpretações sociais, e, de modo semelhante, as dinâmicas da sociedade atual são elementos elucidativos das estruturas e dos arranjos espaciais presentes. Neste sentido:

O trabalho é entendido aqui como a mediação necessária da relação homem-natureza, na qual o espaço geográfico aparece como um produto histórico e social, onde o homem é o sujeito; ele não se

relaciona com o espaço, mas o produz, à sua imagem e semelhança, e neste sentido o espaço, num momento histórico determinado, será produto e condição do processo de reprodução da sociedade.

Nesse sentido o espaço é também a história de como os homens, ao produzirem sua existência, fazem-no como espaço de produção, de circulação, da troca, do consumo, enfim da vida “ como obra de uma história contraditória” (CARLOS, 1994, p. 36)

Conforme Carlos (1994), o trabalho é para a humanidade um instrumento de mediação, pois por ele os homens se relacionam entre si e produzem o espaço geográfico. Outrossim, o trabalho é cumulativo, dado que, a depender do momento histórico, em virtude de distintas etapas de evolução das forças produtivas, os seres humanos irão de maneira determinada e específica realizar uma produção espacial. Como consequência, cada formação econômico-social terá uma formação espacial correspondente. Segundo Moreira (2008), a fábrica moderna seria inexistente em uma formação econômica-social feudal, uma vez que “qualquer objeto espacial, a exemplo da fábrica, só pode ser apreendida quando vista no interior da totalidade social que faz parte” (MOREIRA, 2008, p.63).

No capitalismo, modelo de sociedade a qual a maioria da humanidade encontra-se inclusa, observa-se uma divisão entre proprietários dos meios de produção e despossuídos destes meios, patenteando-se, assim, uma estrutura de classes. Moreira (2008) ressalta o papel que os objetos espaciais, enquanto meios de produção possuem na permanência da estrutura social vigente, em razão de que, o controle desses objetos (fábricas, indústrias, empresas etc.) garantem a sua subsunção à reprodução do capital, e, como um todo a perpetuação do modo de produção capitalista.

Tal ponderação alarga o entendimento da produção do espaço, já que, para além de produto social, o espaço geográfico é igualmente meio, condição ou regulador das relações sociais de produção. Carlos (1999) assinala que o pensamento lefebvriano diferencia uma *produção strictu sensu*, isto é, uma produção de mercadorias e uma *produção latu sensu*, que abrange o viés econômico, mas contempla igualmente uma produção de ideologias, valores, costumes e relações sociais.

Deste modo, a sociedade, em seu nível de desenvolvimento das forças produtivas, produz espaço, contudo, a produção se efetua em um *continuum* , isto é, em produzir o já produzido, portanto, em uma reprodução que perpassa o âmbito do espaço que atua, desta forma, como regulador da produção/reprodução incluindo as relações sociais de produção subjacentes. Isto posto, Corrêa (2000, p. 26) escreve “o espaço é concebido como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade”

O sociólogo alemão Mark Gottdiener (1997) capta este movimento alegando que Lefebvre apreendia o espaço na condição de uma abstração concreta, isto é, instituído concomitantemente de um meio de ações sociais, por estruturar tais ações, e, um produto resultante das ações sociais, expressando-se, por consequência, em uma abstração concreta multimanifestada.

[...] o espaço é produzido como nenhuma outra mercadoria. Tem ao mesmo tempo uma realidade material e uma propriedade formal que o capacita a encerrar a realidade material de outras mercadorias e suas relações sociais. Exatamente como outras mercadorias, ele representa ao mesmo tempo um objeto material e um processo que envolve relações sociais. Ao contrário de outras mercadorias, ele recria continuamente relações sociais ou ajuda a reproduzi-las; além disso, elas podem ser as mesmas relações que ajudaram a produzi-lo no primeiro local. Assim, o espaço tem a propriedade de ser materializado por um processo social específico que reage a si mesmo e a esse processo. É, portanto, ao mesmo tempo objeto material ou produto, o meio de relações sociais, e o reproduutor de objetos materiais e relações sociais. Dessa maneira, Lefebvre baseia a multiplicidade da articulação sociedade-espaco numa relação dialética (GOTTDIENER,1997,p. 133)

Ainda que todos produzam/reproduzam espaço, no entanto, no capitalismo, há atores hegemônicos nesta produção/reprodução. Carlos (2002) reconhece três planos de articulação indissociáveis na produção/reprodução espacial, que são: o político, o econômico e o social. O político distingue-se por efetuar um espaço de dominação, o econômico mobiliza o espaço como condição e meio para a realização da acumulação e, o social, por seu turno, vincula-se à prática socioespacial pela realização da vida cotidiana.

Cruz (2007) identifica o Estado e o mercado enquanto atores hegemônicos na produção do espaço. Tal assertiva, justifica-se, pois o Estado é um ente regulador das relações sociais e possibilita a construção de infraestruturas (rodovias, ferrovias, hidrelétricas etc.), ao passo que, o mercado, valendo-se de seus interesses econômicos pode assumir o protagonismo nas intervenções espaciais, ainda que obedecendo à limites, já que uma empresa de escala regional não possui a mesma capacidade de redefinir fixos e fluxos na mesma magnitude de uma corporação multinacional.

Sérgio Martins (1999) sublinha a tarefa desempenhada pelo Estado na produção/reprodução do espaço. Para legitimar os seus argumentos, o autor alude a política econômica *policy oriented* de John Maynard Keynes que visava orientar a ação do Estado para promover o equilíbrio e crescimento econômico, e submeter as relações sociais de produção às

exigências da acumulação capitalista do século XX. Desta forma, assomou-se uma *produção estatista do espaço*, cuja expressão máxima foram as obras públicas empreendidas pela indústria de construção civil do *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt (1882-1945) bem como o planejamento estatal operado no vale do Tennessee. Estas considerações oportunizam discutir, em primeiro lugar, como o Estado pode ser vantajoso ao sistema capitalista e, em segundo lugar, como a própria produção do espaço é estratégica para a acumulação do capital.

Não raro, os interesses econômicos são divergentes das necessidades sociais, acarretando em conflitos. Souza (2013) problematiza o emprego da palavra “revitalização” presente em empreendimentos imobiliários que, ignorando a população local, e, em articulação ao capital financeiro, reestruturam espaços considerados “obsoletos”, trazendo uma “nova vida” ao lugar, porém, em proveito da especulação imobiliária e de novas frentes pioneiras do capital. Em consequência, bairros são produzidos/reproduzidos, e, os habitantes, majoritariamente pobres e de alta vulnerabilidade social são expulsos para as periferias da cidade. Para Souza (2013) a união entre a gentrificação e a produção do espaço, exemplifica-se pelos projetos “Nova Luz” em São Paulo e “Porto Maravilha” no Rio de Janeiro, de modo que, neste último caso, seu uso tem sido desfrutado, inclusive, pela atividade turística.

Tais perspectivas permitem compreender que comumente os interesses do Estado e do mercado não correspondem às demandas sociais que, assim, tornam-se preteridas. Em vista disto:

O importante é que o espaço torna-se, enquanto, meio e força da produção social global, fonte de novas contradições. Três práticas espaciais se opõem: A estatista (a necessidade de um espaço “racional”, até mesmo como mera representação para uma sociedade desigual, irracional) e a dos grandes interesses privados (capitalistas, rentistas, sem esquecer suas contradições internas) – e estas contra as ações sociais (coletivas). (DUARTE, 1999, p. 76)

A despeito do papel hegemônico empreendido pelo Estado e pelo mercado na produção/reprodução espacial, não se pode menosprezar o ímpeto que a sociedade possui de subverter a hegemonia prevalecente. Cruz (2007) aponta para o fato de que a sociedade civil resiste, de distintas maneiras, a ações protagonizadas por sujeitos hegemônicos da economia e da política, que contrariam os interesses sociais. Segundo a autora “A ausência ou ineficiência do Estado e a voracidade conquistadora de agentes de mercado obrigam sociedades a reagirem na luta cotidiana pela sobrevivência” (CRUZ, 2007, p. 11).

Para além de social, histórica e conflituosa, a produção do espaço no capitalismo é profundamente contraditória. Carlos (1999), nos seguintes termos, afirma:

O processo de reprodução do espaço a partir do processo de reprodução da sociedade se realiza, hoje, produzindo novas contradições – suscitadas pela extensão do capitalismo, o que nos coloca diante da necessidade de aprofundar o debate em torno das contradições entre o espaço público e o privado, espaço do consumo – consumo do espaço, abundância relativa da produção – novas raridades, fragmentação – globalização do espaço. Todavia a contradição entre o processo de produção social do espaço e sua apropriação privada está na base do entendimento da reprodução espacial hoje. (CARLOS, 1999, p. 64)

Segundo Carlos (2001) as contradições do espaço ensejam discutir o turismo e o lazer, enquanto práticas submetidas à mundialização do capital que promovem a reprodutibilidade do espaço às determinações do valor de troca.

Carlos (2001) impõe a necessidade de distinção entre globalização e mundialização. Enquanto o primeiro remete à internacionalização da produção, o segundo alude ao projeto de construção de um espaço mundial, constituindo-se, em uma produção *latu sensu*, uma vez que: “A noção de mundialização refere-se às transformações que fogem ao estritamente econômico e dizem respeito ao social, cultural, político e ideológico, ao mesmo tempo que se revelam no plano da mundialidade” (CARLOS, 2001, p. 177).

Carlos (1996) indica que a mundialização despontou no espaço mundial a partir da década de 1970 do século XX, na qual, a troca generalizou-se por uma rede complexa; o mercado globalizou-se pelas empresas multinacionais e, por último, o Estado tornou-se planetário sob a configuração de um sistema de estados. “ Assim, o modo de produção capitalista modificou-se transformando o mundo. Ao desenvolver-se, realizou-se, contornando, destruindo obstáculos e mundializando-se” (CARLOS, 1996, p. 122). Sob este panorama estabeleceu-se o “mundo da mercadoria”, submetendo a produção/reprodução do espaço às determinações mercadológicas.

O fenômeno espaço-mercadoria pode ser apreendido pela dialética “espaço de consumo/consumo do espaço”, posto que, o espaço orientado as condições de produção, consumo e distribuição fabris (espaço de consumo), coexiste com o espaço fragmentado, separado ou parcelado, incorporado as relações de troca, configurando, assim o consumo do espaço (CARLOS,2001). Deste modo:

[...] as mercadorias e os objetos parecem ter mudado de sentido, pois no processo de mundialização do capital há uma transformação da mercadoria e de seu equivalente. Nessa escala o objeto, em vez de designar uma simples coisa, um objeto material, torna-se estratégico e político. Ocorre que não se vendem mais tijolos ou habitação, mas

cidades. O espaço entra na troca, torna-se mercadoria; áreas antes desocupadas entram na comercialização, posto que ocupadas por novas indústrias, como a da cultura, do turismo e lazer (CARLOS, 1996,p. 124-125)

Na atualidade, o turismo transfigura-se em importante vetor de produção/reprodução do espaço, pois converte os atributos naturais, físicos, históricos e até mesmo artificiais em atrativos turísticos, porém, reforçando o seu valor de troca, além de promover a fragmentação e parcelamento do solo em contraposição aos valores de uso, isto é, os espaços associados à produção do cotidiano, atrelado à reprodução da vida dos habitantes. “Nesta direção, aprofunda o conflito da propriedade privada do solo em relação aos usos – potencializa a contradição entre a produção social do espaço e sua apropriação privada” (CARLOS, 2002, p. 54)

Nesta discussão, abre-se a possibilidade de compreender que, para além da produção/reprodução material, há, igualmente uma produção imaterial do espaço. O Estado e os agentes de mercados do turismo, entre outros, valem-se de signos e representações sociais para forjar a imagem local enquanto atrativo turístico, atraindo, assim um numeroso fluxo de turistas dos mais diversos segmentos sociais. Desta forma, sempre mais, o tempo de lazer torna-se invadido pela aquisição de mercadorias. No turismo, tal aquisição se efetua pelo consumo do espaço.(CARLOS, 2002).

Carlos (2002) reflete que o sentido mercadológico promovido pela produção/reprodução do espaço pelo turismo transforma o turista em espectador passivo, sem vontades próprias e desejos. Nas palavras da autora a produção de espaços turísticos “descaracteriza o espaço da vida cotidiana, espetaculariza cultura, hábitos e costumes locais, transformando o cidadão local num personagem folclórico e, de outro lado, segregar o turista num oásis asséptico e seguro” (CARLOS, 2002, p. 54).

Por outro lado, Cruz (2007) afirma não ser possível omitir o papel que os turistas assumem na produção do espaço, dado que, não há atividade turística sem turistas e, estes, ao longo do tempo histórico, foram também responsáveis pela invenção de atrativos turísticos. Para mais, Cruz (2007) salienta que a sociedade local também produz/reproduz o espaço ,e, no que tange a prática socioespacial turística, os habitantes locais podem incorporar o turismo como fonte de renda, bem como resistir ao poder hegemônico, expressando, assim, o conflito que é umbilicalmente relacionado ao processo de produção/reprodução espacial.

Ademais, os espaços de lazer, nos quais emergem a prática turística, na perspectiva de Lefebvre (1977), encontram-se enquadrados em uma divisão social do trabalho que promove a sua especialização. Segundo o autor:

Os espaços de lazer constituem objeto de especulação gigantescas, mal controladas e frequentemente auxiliadas pelo Estado (construtor de estradas e comunicações, aval direto ou indireto das operações financeiras, etc.). O espaço é vendido a alto preço aos cidadinos expulsos da cidade pelo tédio e pelo bulício. Férias, exílio, refúgio, este espaço reduz-se a propriedades visuais que depressa perde. Severamente hierarquizado, vai desde os locais para as multidões dos lugares de elite, das praias públicas ao Eden-Roc ,etc. Os lazeres entram assim na divisão do trabalho social, não só porque o lazer permite a recuperação da força de trabalho, mas também porque passa a haver uma indústria dos lazeres, uma vasta comercialização dos espaços especializados, uma divisão do trabalho social projetado no território, e que entra na planificação global. De onde um novo perfil do país, uma nova face e novas paisagens. (LEFEBVRE, 1977, p. 247)

Por fim, é necessário considerar que mobilizar o conceito produção/reprodução do espaço, é, antes de tudo, assumir uma posição teórico-metodológica, porém, tal posição não encerra uma interpretação absoluta dos fenômenos políticos, econômicos e sociais, pois “ De toda sorte, não existe apenas uma única maneira de interpretar e focalizar a ‘ produção do espaço’ ” (SOUZA, 2013, p. 40). Deste modo, a posição que aqui se defende, trata a produção do espaço enquanto um processo, que é, concomitantemente, social, histórico, conflituoso e contraditório. Outrossim a produção do espaço implica uma divisão social do trabalho e contempla, tanto uma produção material quanto imaterial da dimensão espacial.

Atualmente, o turismo é um significativo vetor da produção/reprodução do espaço, sendo este o fenômeno que se verifica na área rural do município de São Thomé das Letras, onde, cada vez mais, se converte o patrimônio natural e cultural da Área de Preservação Ambiental São Thomé aos ditames de uma produção imaterial e material turística. É disto que tratam os subcapítulos a seguir.

2.4 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé

A produção/reprodução do espaço possui uma materialidade indiscutível. Pontes, prédios, aeroportos, casas, rodovias, entre outros, denunciam a concretude inerente à dimensão espacial, contudo, para além do corpóreo e visível, o espaço geográfico é constituído por imagens, signos, relações e representações sociais que denotam a dimensão imaterial de sua produção/reprodução.

Conforme depreende-se de Carlos (1999), as metrópoles possuem uma articulação entre as dimensões materiais e imateriais do espaço, uma vez que, as arquiteturas arrojadas e as

numerosas vias expressas (pontes, viadutos e túneis) ostentadas nas grandes cidades são símbolos ou representações da modernidade. Neste sentido, a avenida paulista na capital de São Paulo, por um lado, comporta prédios espelhados, *shopping centers*, redes de *fast-food*, casarões, torres e museus, por outro lado, a somatória desses objetos urbanos, encerram, outrossim, uma representação simbólica da pujança econômica paulistana.

É frequente a mobilização da produção/reprodução imaterial do espaço para a realização da atividade turística. Carlos (1999), alega existirem destinos turísticos que são produzidos/reproduzidos sob o signo de bem-estar e felicidade, cujos sentidos, escamoteiam a reproduzibilidade do espaço- mercadoria, bem como apaga a realidade que pretende-se ser representada. Neste sentido, para Carlos (1999) os atrativos turísticos realizam-se de forma eminentemente visual, cujo papel do *marketing* é estratégico para transformar tais atrativos em lugares de desejo. Deste modo, “o espaço aparece sem espessura (sem passado, sem identidade, isto é, sem história) geométrico, visual, uma abstração vazia, onde o privado se reafirma e se impõe em detrimento do público” (CARLOS, 1999, p. 68).

De acordo com Carlos (1999) a *Disneyworld* localizada em Miami, é um destes destinos turísticos eminentemente visuais, posto que, constituindo-se, enquanto um “ mundo em si”, o parque temático abriga um castelo que encena a arquitetura do castelo de *Neuschwanstein*, na Baviera, porém, o castelo não é reproduzido em sua totalidade, mas somente reduzido à sua fachada. De modo semelhante, na Califórnia, também nos Estados Unidos, o castelo de *Hearst* em San Simeon simula diversos tempos históricos reunidos em um só edifício, expressando-se, assim, em um espaço de representação. Para Carlos (1999), estes locais são produzidos/reproduzidos sob o signo da fantasia e da felicidade, forjando, assim, a sua imagem enquanto atrativo turístico.

No Brasil, segundo Carlos (1999), tal fenômeno se patenteia em parques temáticos como o Beto Carreiro *World* em Santa Catarina e o Parque da Mônica em São Paulo, além de espaços de lazer como os restaurantes no bairro do Bixiga em São Paulo, e o município de Aquiraz no Ceará, cujas paisagens servem para contracenar novelas da TV Globo. Em todos estes casos, as representações e os signos mobilizam a produção/reprodução do espaço para e pela atividade turística. Segundo a autora:

Os casos acima citados são a expressão do movimento que transforma o espaço em mercadoria, produzindo o consumo do espaço. Uma mercadoria que se constitui sob a égide da simulação e a mimesis, posto que a produção de representações acompanha a criação desta nova atividade econômica. Incluem-se num processo de reprodução espacial

que reduz o espaço ao plano da troca e, para além do plano do visual, do olhar, redefinem-se como espaços sem horizonte referencial. Espaços de representação, concebidos, criados com contraposição àquele que dá sentido ao vivido e ao uso. Lugares onde o privado se reafirma produzindo o excesso, que enquanto signo, parece realizar desejos e fantasias. (CARLOS, 1999, p. 68)

Neste processo de produção/reprodução imaterial do espaço a mídia “tem um papel cada vez mais importante, produzindo signos do bem-estar, da satisfação e da felicidade pelo ato de consumo de lazer.” (CARLOS, 1999, p. 69). Rodrigues (1997) aponta para o interesse da Psicologia e da Sociologia na investigação do imaginário coletivo cultivado pela demanda turística. Segundo Rodrigues (1997) tal imaginário é captado pela mídia, especificamente pelo *marketing*, expresso nas campanhas publicitárias que imbricam-se ao imaginário do turista, em razão de que “A publicidade resgata esses sonhos e os converte em ação. Assim a publicidade não é apenas um convite a viagem; ela é igualmente um reflexo estilizado da mentalidade coletiva” (RODRIGUES, 1997, p. 27).

Feitas tais considerações, atualmente na APA São Thomé explora-se dois segmentos do Turismo: o turismo místico-esotérico e o ecoturismo. Para tanto, a produção imaterial do espaço desempenha papel primordial no uso turístico do município. Tal produção espacial imaterial expressa-se pelos nomes dos estabelecimentos, pelos nomes dos atrativos turísticos , pela capacitação profissional ,e, sobretudo, pelo *marketing* público que promove o desfrute do patrimônio natural municipal pelo turista, em associação com a atmosfera mística da serra São Thomé. A seguir discute-se, a atual conjuntura do *marketing* público e da capacitação profissional, e como ocorre a representação simbólica do misticismo-esoterismo e do ecoturismo na Área de Proteção Ambiental São Thomé.

2.4.1 Produção Imaterial do Espaço – *Marketing* Público e Capacitação Profissional

Em entrevista junto a chefe do Departamento Municipal de Turismo de São Thomé das Letras (DETUR) chamada Carla Gonzalez, a promoção do município enquanto destino turístico é realizada de múltiplas formas pelo *marketing* público. Inicialmente, destaca-se a participação do DETUR em apresentações, feiras, seminários e encontros turísticos no Estado de Minas Gerais . Na impossibilidade da participação de algum membro do DETUR, então nestes eventos, o município é representado pelos integrantes do circuito turístico “Encantos de Minas”, no qual São Thomé das Letras encontra-se incluso. Ademais, o DETUR promove turisticamente o município por intermédio de multimídias, que contemplam 1 vídeo institucional e 2 vídeos

promocionais (um dos quais ainda encontra-se em fase de execução) que circulam nas mais diversas redes sociais. Além disto, o papel da mídia se faz presente em divulgações realizadas em canais televisivos, tais como a EPTV (Globo), a Rede TV, a Record, o SBT e emissoras de Rádio, à exemplo da Itatiaia que, ocasionalmente, promovem as atividades e festivais que se sucedem no alto da serra.

As estratégias de *marketing* de São Thomé das Letras ainda se complementam pela divulgação turística do município pela Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais (SECULT), e pelo Portal de Minas. Neste cenário, a SECULT é responsável por institucionalizar São Thomé das Letras enquanto “município turístico”, promover campanhas publicitárias que possam difundir a imagem turística são-tomeense em Minas Gerais e no Brasil e, por fim, direcionar parte do ICMS arrecado em âmbito estadual ao nível municipal.

No âmbito do *marketing* público voltado à promoção do turismo de São Thomé das Letras, inclui-se o vídeo institucional⁶ do município realizado em associação entre o DETUR e o Departamento municipal de Cultura e Proteção do Patrimônio Cultural (DECULP), de modo que, neste vídeo, reitera-se os atributos físicos, naturais, artísticos, históricos e culturais municipais para a difusão do produto turístico que ocorre no alto da serra.

O vídeo apresenta São Thomé das Letras em primeira pessoa, isto é, simulando uma conversa entre o município e o interlocutor. De início, há um forte apelo à contemplação da natureza, tal como evidencia-se o seguinte trecho

**Me visitar é como andar nas nuvens. Estou a aproximadamente 1440 metros de altitude
O que significa que posso te proporcionar vistas incríveis até a sensação de estar perto do céu. Aqui um espetáculo nos brinda diariamente. Tanto ao nascer do sol, majestoso, em todo o seu esplendor de luzes e cores, quanto ao entardecer, quando é calorosamente aplaudido por quem comigo está. Então, chega a noite, em minhas noites! Ah, que céu! Você quase pode tocar as estrelas! Andar nos meus caminhos é poder recarregar as baterias para encarar o mundo lá fora! Sim, o mundo lá fora, pois sou única!**

Na continuidade do vídeo, a cidade apresenta-se como um lugar místico e espaço de reunião de diversas crenças

⁶ O vídeo Institucional encontra-se disponível no site da prefeitura, em sua página principal, disponível no link: <https://saotomedasletras.mg.gov.br/> Acessado em 29/01/2023

Reúno em mim tradições culturais, religiosas, lendas e mistérios que atraem desde céticos até místicos. O que me torna o lugar para todas as tribos!

Adiante, o vídeo reitera o apelo aos elementos naturais, mas desta vez, sublinhando a riqueza do patrimônio natural de São Thomé das Letras:

Você busca paz, contato com a natureza, ação e aventura, contemplação e ainda não me conhece? Tenho magníficas grutas e cachoeiras, cavernas, ladeiras, picos e vales, mata atlântica e cerrado, e, a minha vegetação rupestre, tipo este quase extinto com espécies que só aí tem

Na sequência, o vídeo aborda os aspectos históricos e geológicos locais

**Possuo construções históricas e muitas histórias em minhas pinturas rupestres
Encravada no topo da Serra das Letras tenho formação geológica de quartzito o que me torna uma grande fonte de energia**

Ao final do vídeo, a cidade “revele-se”, associando a exploração turística dos recursos naturais à cultura local e ao ambiente místico que impera na “Montanha Mágica”

Estou localizada no sul de Minas Gerais, o que ainda proporciona muito mais coisas especiais. Tenho um povo hospitaleiro, uma culinária que não se esquece jamais. Já sabe quem sou eu? Muito prazer! Eu sou São Thomé das Letras, das lendas, das trilhas, das cachoeiras, da música, da arte, da natureza, dos mistérios, da magia! Também pode me chamar de Montanha Mágica!

Então venha ver para crer! Visite São Thomé das Letras!

Deste modo, é representativo desta produção/reprodução imaterial de São Thomé das Letras a metáfora da “Montanha Mágica” que valoriza a geomorfologia regional, o perímetro urbano e toda a extensão rural, que inclui a APA São Thomé em um todo místico/esotérico. A Figura 10 é a capa de um *folder* distribuído gratuitamente no receptivo turístico João Antão, que ilustra a conotação mística que o turismo de São Thomé das Letras vale-se para se reproduzir, pois traz em um primeiro plano, a narrativa da “Montanha Mágica”, além de

informações úteis como dados gerais e telefones referentes ao município e uma breve caracterização dos aspectos históricos e geográficos locais.

Figura 10 - Folder Montanha Mágica



Autor: Elsso Silva (2023)

No que tange à capacitação profissional, menciona-se os guias de turismo e seu papel para a exploração turística do município. De acordo com o website da prefeitura⁷, encontra-se as seguintes subdivisões de profissionais credenciados a trabalhar como guias em São Thomé das Letras.

1 – Guia de Turismo – Cadastur: Profissional apto a acompanhar os visitantes nos veículos dos turistas, à exemplo de carros, ou transportes coletivos como vans, micro-ônibus e ônibus.

⁷ A lista completa de guias ou condutores de turismo de São Thomé das Letras está disponível em: <https://saotomedasletras.mg.gov.br/lista-de-condutores-guias-turisticos-aptos-a-exercer-o-servico-local/>. Acessado em 29/01/2023.

Estes profissionais são credenciados a trabalhar em todo território nacional, incluindo São Thomé das Letras.

2 – Condutor de Turismo Local com Veículo Próprio: Profissional apto a acompanhar os visitantes, mas no veículo do próprio guia. Também são aptos a acompanhar os visitantes nos veículos dos turistas, à exemplo de carros, ou transportes coletivos como vans, micro-ônibus e ônibus. Trabalham somente nos limites do município.

3 – Condutor de Turismo Local sem Veículo: Profissional apto a acompanhar os visitantes nos veículos dos turistas, à exemplo de carros, ou transportes coletivos como vans, micro-ônibus e ônibus. Este profissional é credenciado a trabalhar somente nos limites do município

4 – Agente de Informações Turísticas do Atrativo: Profissional apto a acompanhar o visitante, mas trabalha somente no atrativo turístico, à exemplo de grutas e cachoeiras.

5 – Auxiliar de Condutor Local: Esta é uma subdivisão destinada a empregar pessoas com necessidades especiais, portanto, é uma categoria de inclusão social. Estes profissionais acompanham o turista sempre junto a um guia local credenciado.

Faz-se necessário abordar a questão da capacitação profissional, pois tal como ficou exposto no trabalho de campo, São Thomé das Letras possui um perímetro rural muito superior em extensão comparado ao perímetro urbano. Deste modo, os pontos turísticos, à exemplo das grutas e das cachoeiras, encontram-se distribuídos pela área rural. Para o turista hospedado na porção urbana e que não possui um automóvel próprio é inviável deslocar-se a pé até os pontos turísticos, pois demoraria cerca de, no mínimo, 3 a 5 horas, sendo assim, para chegar aos atrativos turísticos da zona rural, que abriga a APA São Thomé, obrigatoriamente é necessário utilizar algum veículo, como carro, motocicleta, ônibus, vans, entre outros. Desta forma, para alguns visitantes, o turismo em São Thomé das Letras só se realiza por intermédio da contratação de alguma modalidade dos guias de turismo, que, geralmente podem ser encontrados na praça da matriz, no centro de São Thomé das Letras, ou podem ser contactados via telefone ou redes sociais.

Segundo entrevista com Carla Gonzalez, chefe do DETUR, para ser credenciado como guia ou condutor de turismo em São Thomé das Letras é necessário realizar 3 cursos que são: o curso de primeiros socorros, o curso de arte de conduzir em trilhas e roteiros (SENAR), e o

curso de patrimônio histórico. Assim sendo, o poder público municipal atua na constituição da capacitação profissional para o turismo, pois o DETUR incumbe-se de realizar o credenciamento e a regularização destes profissionais, além de divulgar o nome e os contatos dos guias no *website* da prefeitura. Destaca-se que, em alguns pontos específicos, à exemplo da cachoeira Antares, da cachoeira Garganta e da gruta do Labirinto, o DETUR sugere que a visitação destes locais deve ter o acompanhamento de algum guia, em virtude da distância e da segurança para os turistas de um modo geral. Deste modo, o trabalho do guia de turismo é essencial para a exploração turística, sobretudo na extensão rural que contempla a Área de Proteção Ambiental São Thomé.

2.4.2 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé – Turismo místico/esotérico

A exploração cultural do turismo místico-esotérico é atribuída a migrantes e turistas que chegaram a São Thomé das Letras na década de 1980 e 1990 em busca de experiências extrassensoriais, esotéricas e místicas. O esoterismo-misticismo se exprime pela multiplicidade religiosa e pela ufologia. Em São Thomé das Letras encontram-se variadas instituições de distintas matrizes religiosas que contemplam a Igreja Católica, Assembleia de Deus, Umbanda, Candomblé, Santo Daime, Sociedade Eubiose e Comunidade Espírita. Deste modo, tal como sugere o vídeo Institucional, há no alto da serra a convergência de diversas filosofias e religiões, o que torna o município “um lugar para todas as tribos”. Por seu turno, a ufologia é traço cultural do município, pois há quem acredite que o quartzito, principal constituinte geológico da serra São Thomé, emana uma energia que atrai Objetos Voadores Não Identificáveis (OVNIs) e seres extraterrenos. Além disto, a energia oriunda da geologia local, possibilita aos visitantes autoconhecimento e ascensão espiritual. Verdade ou não, atualmente o esoterismo- misticismo atrai muitos turistas à São Thomé das Letras interessados em atestar estas teorias, ou, até mesmo, refutá-las. (FLEISCHER, 2012).

Outrossim, o misticismo-esoterismo em São Thomé das Letras é explorado pelo turismo de forma ampla, que compreende uma série de elementos, tais como o folclore e lendas locais, magos, fadas, duendes e bruxos, entre outros.

O misticismo-esoterismo, replica-se no espaço da APA São Thomé de múltiplas formas. Uma delas é pelo folclore local, uma vez que, o principal bairro da Unidade de Conservação denominado de *Cantagalo* é nomeado em referência a uma lenda são-tomeense. De acordo com Fleischer (2012), o *Cantagalo* é um animal mítico que possui a cabeça de galo, e o corpo de uma cobra, e, por seu turno, a sua cauda é uma mistura de cauda de galo e cobra cascavel.

Usualmente, o *Cantagalo* aparece em situações que a fauna local encontra-se em perigo ou, quando necessita-se afugentar pessoas.

O misticismo-esoterismo se manifesta também nos nomes dos atrativos turísticos. À título de exemplo, mencione-se a cachoeira da Eubiose (Figura 11) em evidente referência à Sociedade Teosófica da Eubiose, e, o mirante da Pedra do Disco, onde os turistas apreciam o pôr do sol e o anoitecer estrelado. A nomenclatura deste último atrativo justifica-se pois o mirante situa-se nas proximidades de um painel rochoso no qual há uma inscrição rupestre. Tal inscrição, por seu turno, remete a um desenho de um disco voador, de modo que, pela contiguidade ao registro pré-histórico, a Pedra do Disco emprestou seu nome ao mirante.

Figura 11 - Cachoeira Eubiose - APA São Thomé



Autor: Elsso Silva (2023)

Ademais, as referências ao místico-esotérico ostentam-se no nome das diversas hospedagens instaladas na APA São Thomé, por exemplo: Camping Abracadabra, Chalé das Fadas, Hospedaria Castelo de Eros, Pousada dos Magos, Recanto Shambala e Vila Encantada. De modo semelhante, as decorações das chácaras e dos estabelecimentos também prestam-se para construir um imaginário místico encontrado na APA. É isto o que ilustra a Figura 12.

Figura 12 - Decoração no Sítio Flor da Montanha - APA São Thomé



Autor: Elsso Silva (2023)

No que pese à representação simbólica, os bruxos e bruxas possuem conotações específicas que merecem atenção. Bruxos e bruxas são elementos do mundo místico, que simbolizam o culto às forças da natureza, pois acredita-se que estes entes empregam chás, remédios caseiros, banho de ervas, simpatias, benzimentos, porções, rituais e magias para produzir e reproduzir as suas próprias condições de existência. No entanto, os bruxos não são tão irreais como apareciam, pois, ancorando-se em D'Auria (2000), no final do século XIX, quando São Thomé das Letras era essencialmente rural, havia muitas mulheres que exerciam as funções de parteiras, benzedeiras e curandeiras, e, a população rural era portadora de crenças em feitiços, comportando, assim, uma visão de mundo mágica. Ao transitar por São Thomé das Letras, tanto na APA, como na zona rural e no perímetro urbano, nota-se numerosas referências a bruxos e bruxas, porém dissociadas deste passado antropológico de São Thomé das Letras. Assim, estas peculiaridades históricas, por exemplo representadas na pessoa de D. Alvina, antiga benzedeira e descendente de escravos, passam desapercebidas para a maioria dos turistas,

tornando-se somente conhecidas por aqueles que tenham algum interesse acadêmico, histórico, social ou cultural pelo município.

Pelo exposto, faz-se aqui necessário retomar a crítica de Carlos (1999) para os espaços turísticos altamente visuais e geométricos, uma vez que, ressignificando o pensamento do antropólogo francês Marc Augé, Carlos (1999) denomina estes espaços de “não-lugares” definidos como “um espaço destinado ao consumo, que se transforma num espaço presente sem espessura, quer dizer, sem história, sem identidade: o espaço do vazio, da ausência, que se realiza através de signos” (CARLOS, 1999, p.72). Este raciocínio pode ser aplicado à APA São Thomé, pois o ambiente místico-esotérico presta-se, antes de tudo, a estimular as visitas às cachoeiras (que são pagas em sua maioria), conduzir os turistas aos bares e restaurantes na APA e hospedar os visitantes nas diversas estalagens da zona rural. Deste modo, essas representações estimulam o consumo e favorecem a reproduibilidade econômica da atividade turística e, por outro lado, escondem ou não se propõem a transparecer a história dos habitantes locais, à exemplo dos habitantes rurais de São Thomé das Letras e, como estes, possuíam e, talvez ainda possuam, uma relação metabólica com a natureza distinta da moderna sociedade urbana industrial.

2.4.3 Produção Imaterial do Espaço da APA São Thomé – Ecoturismo

O Ecoturismo designa uma prática social, cultural, ambiental e econômica que se sucede em espaços naturais. Segundo o Ministério do Turismo (2010), o ecoturismo materializa visitações a espaços naturais, ensejando, assim, vivências e experiências que traduzem-se em um desenvolvimento econômico e sustentável. De modo consequente, os espaços de paisagens naturais, áreas litorâneas, Unidades de Conservação, entre outros, tornam-se redefinidos para atender à demanda turística, em que pese a exploração dos recursos naturais.

Destacam-se as conjunturas históricas, políticas e sociais que possibilitaram a exploração da natureza pelo turismo. O Ministério do Turismo (2010) explana que, a partir da década de 70, tanto no âmbito acadêmico, quanto na esfera das organizações civis, o setor de turismo passou a discutir questões concernentes ao desenvolvimento econômico, degradação do meio ambiente e questões sociais, de maneira que, estas temáticas assomaram concomitantemente às discussões ambientais mundiais, fomentadas pela realização da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano ocorrida em Estocolmo, no ano de 1972.

Para o Ministério do Turismo (2010), a Conferência de Estocolmo alçou no plano internacional, questões pertinentes ao desenvolvimento econômico e meio ambiente ao reunir 113 países para discutir problemas ambientais. Paola Verri de Santana (2008), corrobora estas informações, argumentando que a década de 1970 foi um marco na consciência ecológica em virtude da Conferência de Estocolmo (1972), do relatório “Limites do Crescimento” (1972), também chamado de Relatório de Meadows do Clube de Roma e da ascensão do paradigma da Ecologia política, bem como o eclodir de diversos movimentos ecológicos em nível planetário.

Nesta direção, posteriormente à Conferência de Estocolmo de 1972, Cruz (2001) alega existir um aumento de organizações não-governamentais e uma ampliação legislativa no âmbito da proteção da natureza. Outrossim, nos pós 1972, segundo Cruz (2001), as mídias televisiva e impressa difundiram uma ideia da necessidade, para a sociedade moderna, de conservar e recuperar os recursos naturais. Deste modo “É nesse período que crescem, também, em importância, as práticas do ecoturismo. Não por acaso, portanto, mas como mais um produto desse momento histórico.” (CRUZ, 2001, p. 18)

Conforme o Ministério do Turismo (2010), é representativo do estabelecimento do ecoturismo brasileiro, o “Projeto Turismo Ecológico” instituído pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Neste sentido, Santana (2008) assinala que na década de 1990 houve a institucionalização do setor ecoturístico brasileiro, mais especificamente em 1995, quando realizou-se a 1ª Bienal do Ecoturismo no município de Canela – RS. Nesta bienal foi definida, em primeiro lugar, a realização de uma auditoria de opinião com as empresas nacionais de ecoturismo, em segundo lugar, um planejamento para estruturar uma “Agenda Consolidada do Ecoturismo no Brasil”, e, em terceiro e último lugar, definiu-se a organização do Congresso de Ecoturismo da Bienal de Canela, a ocorrer em novembro de 1995. Santana (2008) afirma que o congresso de 1995 exerceu um papel ímpar no desenvolvimento do setor ecoturístico nacional, pois além do estímulo à prática do turismo de natureza nas Unidades de Conservação, nesta conferência pública, apoiou-se a fundação do IEB – Instituto de Ecoturismo do Brasil.

Destarte, apreende-se que exploração ecoturística efetuada no perímetro rural de São Thomé das Letras, contemplando a APA São Thomé, despontou na década de 1990 não por acaso, e tampouco foi um caso isolado, mas sim desencadeou-se em função de existirem conjunturas internacionais, nacionais, econômicas, políticas, sociais e culturais que facultaram a exploração da natureza pela atividade turística. Admitindo as palavras de Marc Boyer (2003), para quem “o turismo é um produto da evolução sociocultural” (BOYER, 2003, p. 16), o produto ecoturístico de São Thomé das Letras é sintomático de que a constituição de destinos turísticos não são obras do acaso, mas sim engendrados ao longo do tempo histórico.

Tal qual vimos, no vídeo Institucional foram sublinhados os elementos naturais que são recursos convidativos à atração turística em São Thomé das Letras. Nos limites da APA São Thomé encontra-se alguns destes bens naturais, à exemplo do vale do Cantagalo, a vegetação exuberante expressa no Cerrado, Mata Atlântica e Campos Rupestres , e as cachoeiras. Na atualidade, as cachoeiras são os principais atrativos que viabilizam o ecoturismo na Área de Proteção Ambiental, pois são as mais procuradas pelos turistas. Compõem o quadro das cachoeiras da APA o complexo de cachoeira Véu de Noiva, a cachoeira do Flávio, cachoeira da Lua e a cachoeira da Eubiose. Neste cenário, a cachoeira da Lua (Figura 13) é o principal atrativo em referência à natureza, posto que, seu nome, alude ao brilho lunar que resplandece na água, causando assim um efeito luminoso, que, para alguns, é inclusive mágico.

Figura 13 - Cachoeira da Lua



Autor: Elsso Silva (2023)

Ainda que a centralidade do ecoturismo resida na exploração dos recursos naturais, o turismo de natureza, dialeticamente, guarda uma íntima relação com os espaços urbanos-industriais.

Santana (1999) caracteriza o ecoturismo enquanto segmento turístico que se reproduz sob o signo da preservação da natureza, uma vez que, a destruição de bens naturais ocorridos nos centros urbanos-industriais impele os moradores das grandes metrópoles a buscar uma “

“paisagem natural intocada”, transformando, assim, a natureza em mercadoria verde e, por conseguinte, redefinindo os espaços das reservas naturais, que passam, deste modo, a serem produzidos/reproduzidos sob os ditames do capital.

Santana (1999) observa que no passado histórico os “bens naturais” eram abundantes, portanto, “bens livres”, porém, o desenvolvimento do modo de produção capitalista devastou, nos espaços urbanos-industriais, a maior parte dos elementos naturais, tornando assim bens outrora abundantes em “novas raridades”, ao menos, nas paisagens urbanas das grandes metrópoles. Santana (1999) aponta que, ao serem submetidos à lógica do capital, as “novas raridades” adquirem valor de troca ,e, por conseguinte, somam-se ao processo de reprodução do capital.

Santana (1999) argumenta que quanto mais raro é um bem, maior é sua demanda e, consequentemente, maior é seu valor de troca. Deste modo, para a autora, “as novas raridades” são adotadas estrategicamente, pois o espaço onde encontram-se reservas naturais precisam ser produzidos/reproduzidos para viabilizar a exploração ecoturística, sob o signo de “paisagens naturais intocadas”, atraindo assim, uma vastidão de turistas provenientes dos centros urbanos e industriais. Assim sendo:

O uso parece ter sido privilegiado quando, à primeira vista, observa-se a propaganda do “vender o verde”, mas o que ocorre é a sua simulação. O econômico, em detrimento do social, continua dominante na sociedade. Por esta razão se conserva a economia (ciéncia) que se mantém política, mesmo neste novo momento histórico em que se produz o espaço, a “paisagem natural intocada”, produzida; portanto, comercializa-se o espaço. A noção de espaço construído é ampliada. Outrora, quando os elementos naturais eram abundantes não havia necessidade de produzi-los, mas nas circunstâncias atuais é possível fomentar a ideia de produzir um espaço para a percepção do ecoturista. A natureza é produzida para o ecoturismo, a “paisagem natural intocada” é alvo produzido através da propaganda e disseminada por revistas, jornais, agências de viagens, ONGs etc. O resultado é a instauração de indústrias antipoluidoras, construção de espaços verdes dentro das cidades, organização de passeios turísticos etc. Uma mudança começa a surgir, a passagem da condição de “bens livres” para “novas raridades” . (SANTANA, 1999, p.181-182)

No que tange à “paisagem natural intocada”, trata-se de uma expressão derivada de um mito moderno ou neomito que, conforme Antônio Carlos Diegues (2008), denomina-se “ mito da natureza intocada, do mundo selvagem” do qual o turismo ecológico se vale para reproduzir-se enquanto prática econômica e social.

Diegues (2008) expõe que o mito moderno da natureza intocada evoca uma preocupação biocêntrica, na qual entende-se existir uma igualdade de direitos entre homem e natureza, além de uma incompatibilidade entre ações antrópicas e bens naturais, por consequência, as áreas naturais deveriam manter-se protegidas das ações predatórias humanas. Este mito tem raízes em grandes religiões, especialmente na ideia de paraíso perdido da religião cristã. No desenrolar do tempo histórico, mais especificamente, na segunda metade século XIX, esta concepção exprimiu-se na proteção de “parques naturais” estadunidenses, cuja preservação transcorreu sob a justificativa de serem “áreas naturais”, em “estado puro”, intocadas pela ação humana.

As “reservas naturais”, portadoras de uma natureza selvagem, para Diegues (2008), é um neomito que opera em uma simbiose entre o pensamento racional e mitológico, uma vez que, no plano do empírico-racional, justifica-se “preservar a natureza” em virtude dos processos ecológicos, subjacentes ao ecossistema protegido. Por outro lado, o “mito da natureza intocada”, ao qual as reservas visam conservar, assenta-se, também, sob argumentos mitológicos, que promovem a ideia de paraíso perdido e da beleza e exuberância da natureza intocada “que leva o homem urbanizado a apreciar o belo, o harmonioso, a paz interior proveniente da admiração da paisagem intocada” (DIEGUES, 2008, p. 61)

Postas essas considerações, o “mito da natureza intocada”, no qual subjaz uma “paisagem natural intocada”, é representativo da exploração ecoturística da Área de Proteção Ambiental São Thomé, posto que, tal como denunciam as seguintes imagens, fotografadas na cachoeira da Lua, os turistas geralmente são atraídos aos atrativos turísticos, pois nestes espaços, o turista teoricamente se desconectaria dos espaços urbanos-industriais, e, se relacionaria harmonicamente com a natureza.

Figura 14 – Cachoeira da Lua – Placa: A Natureza Não tem Wi-Fi



Autor: Elsso Silva (2023)

Figura 15 – Cachoeira da Lua – Placa: Desligue o Som e Cure-se



Autor: Elsso Silva (2023)

Figura 16 - Cachoeira da Lua – Placa: Mate aqui Apenas Tempo



Autor: Elsso Silva (2023)

Neste sentido, frases como, “a natureza não tem wi-fi; aqui a conexão é outra”, “ouça a cachoeira e cure-se”, “mate aqui apenas tempo”, respectivamente, representadas pelas Figuras 14,15 e 16 constituem signos ou representações simbólicas que prestam-se a fomentar o produto ecoturístico da APA São Thomé, pois, esta produção/reprodução imaterial do espaço atrai turistas exercendo, assim, senão um papel decisivo, ao menos influente, no desenrolar e no acontecer da exploração ecoturística do município, considerando os recursos naturais constituintes do patrimônio natural de São Thomé das Letras.

Ademais, é possível apreender que a “paisagem natural intocada”, fundamento sob o qual o ecoturismo reproduz-se, é determinado pelo capital, pois o banho de cachoeira, as aventuras nas grutas, ou até mesmo um caminhar em trilhas, incorporam uma gama de atividades econômicas, tais como a contratação de guias, pagamento para entrar nas chácaras onde as cachoeiras se localizam e o desfrute de meios de hospedagem e restaurantes estabelecidos para atender à demanda turística. Logo, observa-se um uso ou apropriação estratégica desta “primeira natureza”, não para a reproduzibilidade da vida, mas antes de tudo, para o funcionamento de uma engrenagem econômica e, por conseguinte, a reprodução do

capital. É sob esta conjuntura que se encontra consolidado o ecoturismo na zona rural de São Thomé das Letras, contemplando a Área de Proteção Ambiental São Thomé.

2.5 Produção Material do Espaço

No livro *Introdução à Geografia do Turismo*, a geógrafa Rita de Cássia Ariza da Cruz (2003) reconhece um processo de valorização temporal na gênese dos *territórios turísticos*, posto que, os destinos turísticos são resultantes de condições técnicas, políticas, econômicas e culturais gestadas ao longo do tempo histórico das diversas sociedades humanas. Segundo Cruz (2003), tal processo é efetuado pela inserção de objetos submetidos ao desenvolvimento do turismo, o que ilumina a possibilidade de compreender a função da produção material espacial para o uso e a apropriação turística do espaço.

Estes objetos em questão, por seu turno, dividem-se em “objetos turísticos” e “objetos-suporte”, de forma que, no primeiro, incluem-se, por exemplo, meios de hospedagem, equipamentos de restauração (infraestruturas como restaurantes, bares e lanchonetes), prestação de serviços diversos e infraestrutura de lazer, e, no rol dos “objetos-suporte”, encontram-se aqueles que sustentam o funcionamento dos “objetos turísticos”, à exemplo de serviços de saneamento básico, energia, telefonia e construção de vias de acesso. Ademais, a prática turística se efetua apropriando-se e ressignificando objetos preexistentes à exemplo de farmácias, supermercados, igrejas, entre outros. (CRUZ, 2003)

São Thomé das Letras dispõe de um conjunto de “objetos turísticos” e “objetos suportes” que do ponto de vista infraestrutural viabilizam o desfrute e a fruição do espaço pelos turistas. Na serra São Thomé, estes objetos contemplam estradas, o terminal rodoviário, pousadas, chalés, *campings*, lojas de *souvenir*, mercados, mercearias, farmácias, bares, restaurantes e *kitnets*, que largamente são exploradas pelos visitantes, ocasionando, assim, a possibilidade da realização da atividade turística.

Deste modo, a relevância dos “objetos turísticos” e “objetos-suportes” assenta-se por materializar a produção material do espaço pelo e para o turismo, contribuindo assim, para definir o uso e apropriação espacial que se efetua no município. Contudo, os perímetros urbano e rural municipal abrigam de formas distintas as infraestruturas possibilitadoras da exploração turística, de maneira que, a Área de Proteção Ambiental São Thomé, estabelecida na zona rural, é uma expressão da disposição diferenciada destes objetos, concretizando, assim, uma diferenciação urbano-rural em São Thomé das Letras.

Conforme o experciado no trabalho de campo, na paisagem da APA São Thomé são explícitas as referências ao turismo. Milton Santos (2006) distingue paisagem e espaço, expondo que, enquanto a paisagem aproxima-se do concreto-real, alcançado pela visão que exprime as distintas relações do Homem com o ambiente natural ao longo do tempo histórico, o espaço seria a paisagem mais a vida que a anima, isto é, as relações sociais e econômicas subjacentes à concretude paisagística.

A definição de paisagem de Milton Santos (2006) aplica-se à análise da APA São Thomé, pois na paisagem da Unidade de Conservação, nota-se uma confluência da natureza em estado de conservação e de elementos que denunciam a intervenção antrópica, especialmente, no que tange a exploração turística. Na vastidão de seus 6032,9 hectares, o que corresponde a 60.399.000 m², a APA São Thomé possui uma primazia de paisagens naturais e rurais, nas quais sobrelevam-se vegetações arbustivas, vegetações arbóreas, árvores com troncos retorcidos, pastagens, gados, chácaras, porteiras e cercas com arame farpado, entre outros. Contudo, à medida que o visitante adentra na APA, as placas de divulgação informam que a tantos quilômetros encontra-se um chalé, e que outros tantos km estabelece-se um *camping*, assim, patenteando que, para além do aparente predomínio do natural, há práticas econômicas e sociais submetidas à atividade turística que constituem o quadro que anima a existência da Unidade de Conservação APA São Thomé.

Decerto, um dos aspectos materiais essenciais da APA São Thomé para a atividade turística são as infraestruturas de vias de acesso, especificamente as estradas, pois ao permitir o acesso e o deslocamento nos limites da APA, as estradas oportunizam o uso e o consumo do espaço pelos turistas que se deslocam em direção aos atrativos turísticos, chalés, *campings*, pousadas, bares, supermercados e a todos os objetos que se prestam à realização da atividade turística.

No entanto, a despeito de sua relevância, não é sempre que as estradas rurais de São Thomé das Letras, incluindo as circunscritas à APA São Thomé, favorecem o turismo, uma vez que, por serem inteiramente estradas de terra, sobretudo nos períodos chuvosos no começo do ano, as estradas padecem de problemas como lama e buracos, promovendo atolamentos e ocasionando acidentes, impossibilitando, assim, a locomoção de turistas, e, até mesmo afetando a vida dos residentes das zonas rurais, que veem-se impossibilitados de saírem de suas casas, em virtude das vias de acesso encontrarem-se intransitáveis. A Figura 17 ilustra as precárias condições que encontram-se as estradas de terra da APA São Thomé.

Figura 17 – Trecho da Estrada de terra de São Thomé das Letras - Próximo a Cachoeira do Flávio



Autor: Elsso Silva (2023)

No dia 06 de janeiro de 2023, o “Jornal São Tomé Online” divulgou uma reportagem abordando os problemas envolvendo as estradas, os moradores locais e o turismo⁸. De acordo com o noticiário, os problemas se manifestam tanto nas estradas principais, quanto nas estradas vicinais, abrangendo os bairros Cantagalo, Sobradinho, Caí, Picada, Serrinha, Lagoa e Areado, além da estrada para o município de Cruzília próximo ao complexo de cachoeiras Véu de Noiva. Destaca-se que o bairro do Cantagalo e trechos do bairro Caí, além da cachoeira Véu de Noiva encontram-se na APA São Thomé.

A reportagem narra uma experiência infeliz ocorrida com um turista no final do ano de 2022, que ao estabelecer-se no bairro de Sobradinho (fora da APA) queria junto com a sua família ter conhecido os atrativos turísticos do município, à exemplo das cachoeiras que são os principais atrativos da APA São Thomé, todavia, o turista e sua família se viram impossibilitados de saírem das intermediações do bairro de Sobradinho. Ao tencionarem locomover-se pela zona rural e chegar até ao perímetro urbano, no entanto, o carro chocou-se

⁸ A reportagem completa encontra-se no seguinte endereço eletrônico: Disponível em: <https://www.viafanzine.jor.br/tome/estradas.htm?fbclid=IwAR2SJhju-y8-LHZ2CPmtnc1crCR9CPcwdpVboYhJk5waroS38U3AKUKIE3Y>; Acessado em: 01/02/2023

em um barranco, nas proximidades do bairro Lagoa, e, assim, ficou atolado, até quando a assistência da Defesa Civil intercedeu em prol do turista e de seus familiares. Nesta sucessão de eventos , o turista relatou ao “Jornal São Tomé Online”, que as estradas carecem de canalização da água das chuvas, aderência em subidas e sinalizações. Outrossim, de acordo com o turista, o GPS não funcionava na maioria dos trechos, dificultando, assim, as possibilidades de orientação.

Este relato pode, de uma certa forma ser reiterado pela experiência do trabalho de campo, pois em meio à chuva, ainda foi possível visitar a maioria dos destinos turísticos da APA, porém, não foi possível deslocar-se em alguns trechos da zona rural, à exemplo da cachoeira Antares, em função da precariedade das estradas, em face da alta pluviosidade que acometia São Thomé das Letras. Deste modo, sobretudo no começo do ano quando abundantemente chove no alto da serra, as estradas padecem com valas, buracos e lama, dificultando os deslocamentos, e, por conseguinte, comprometendo o desenvolvimento do turismo na zona rural de São Thomé das Letras, incluindo a APA São Thomé.

As estradas exercem papel fundamental na produção material do espaço da APA São Thomé, todavia, não menos importante é a função que os diversos meios de hospedagem instalados na Unidade de Conservação desempenham para concretizar a atividade turística em São Thomé das Letras.

Baseando-se no Inventário Turístico de São Thomé das Letras (INVITUR) de 2014, Julian Oliveira (2017) menciona existirem na área urbana 59 pousadas, 4 campings, 30 restaurantes e 31 lojas de *souvenir*, ao passo que, o bairro Cantagalo da APA São Thomé contemplaria 18 pousadas, 19 campings e 17 bares e restaurantes. Oliveira (2017) argumenta que o estabelecimento desses equipamentos tem refuncionalizado o espaço em proveito do turismo, promovendo a especulação imobiliária tanto na área rural quanto urbana.

A despeito da relevância da análise de Oliveira (2017), o estudo oferecido pela INVITUR é insuficiente para um estudo acurado do turismo no município. De acordo com a chefe do DETUR de São Thomé das Letras, Carla González, o inventário turístico em questão foi produzido por uma consultoria contratada pela prefeitura, porém, segundo a entrevistada, o inventário não traduz a atual realidade turística do município, por estar desatualizada e, tampouco a realidade da época de sua elaboração de 2014, pois no levantamento de dados foi feita uma equivalência entre o número de leitos de meios de hospedagem e o número de cadeiras de bares e restaurantes, algo que, no entanto, nunca existiu. Desta forma, o Inventário é um documento público que pode ser acessado presencialmente no DETUR em São Thomé das

Letras, porém, para efeitos de controle da atividade turística no município o inventário não é utilizado.

De acordo com a entrevista com a chefe do DETUR, atualmente, o departamento vale-se de um *software*, disponibilizado pela prefeitura, para controlar os equipamentos que tenham algum uso turístico no município. O DETUR, no entanto, não possui controle de bares, restaurantes e lojas de *souvenir*, mas somente dos meios de hospedagens. Assim sendo, foi solicitado junto ao DETUR, os meios de hospedagem regulares cadastrados localizados no bairro Cantagalo que é o bairro rural de maior extensão na APA São Thomé, de maneira que, pelas informações coletadas há, na atualidade, 100 meios de hospedagens, compreendendo 4351 leitos. Estas informações serviram de base para a elaboração da tabela que se segue, na qual, a quantidade de meios de hospedagem, encontra-se dividida pelo intervalo do número de leitos.

Tabela 1- Meios de Hospedagem por Quantidade de Leitos – Bairro Cantagalo

	Quantidade de Meios de Hospedagem	Intervalo de Leitos de Hotéis	Quantidade de Leitos
	32	0 - 10	231
	28	11 - 20	459
	19	21 - 50	606
	9	51 - 100	748
	9	101 - 200	1266
	3	Acima de 200	1041
Total	100	-	4351

Fonte: Produzido pelo autor com base em dados do DETUR – São Thomé das Letras (2023)

Apreende-se pela análise da tabela que 32 meios de hospedagem possuem até 10 leitos, ao passo que, 28 das hospedagens possuem entre 11 e 20 leitos. Por conseguinte, ao menos 60 % dos meios de hospedagem abrigam até 20 pessoas, denotando que, em sua maioria, as pousadas, hotéis, *campings* e chalés do bairro Cantagalo constituem-se de pequenas pousadas e, até mesmo, residências, nas quais o proprietário disponibiliza cômodos para abrigar 2 ou 3 turistas. Com base nestes conhecimentos, infere-se a importância social da atividade turística

por ofertar trabalho e renda para os municípios da zona rural, pois, alguns habitantes dependem do turismo para sobreviver, contudo, não dispõem de condições para abrigar vastas quantidades de visitantes, assim, participam da atividade turística no limite de suas possibilidades.

Por outro lado, pelas informações contidas na tabela, são poucos os meios de hospedagem de grandes dimensões, pois somente 12 estalagens possuem mais de 100 leitos. Assumindo não existir turismo sem turista, esses poucos meios de hospedagem reúnem condições infraestruturais de abrigar uma quantidade ampla de habitantes ocasionais, por conseguinte, exercem um papel protagonista na produção material da APA São Thomé pela atividade turística.

Por fim, deve-se mencionar as dificuldades que o próprio DETUR enfrenta ao catalogar os meios de hospedagem, posto que, alguns proprietários não informam o bairro onde estão estabelecidos (apesar dos pedidos da prefeitura) e há em São Thomé das Letras hospedagens irregulares que escapam ao controle do poder público. Além disto, como já mencionado não há, na zona rural, o controle da quantidade de restaurantes, bares, lojas de *souvenir* e, nos termos do IBGE, Domicílios Particulares de Uso Ocasional (DPUO) que também são vetores da produção do espaço material pela atividade turística.

CAPÍTULO 3: OS IMPACTOS AMBIENTAIS NA APA SÃO THOMÉ PELA ATIVIDADE TURÍSTICA

Em São Thomé das Letras, a mineração obteve desenvolvimento precedente à atividade turística, posto que, enquanto a extração de rochas quartizíticas se consolidara na década de 40 do século XX, o turismo somente despontou a partir da segunda metade deste mesmo século. Além da diferença cronológica que distingue ambas as atividades, o uso e a apropriação da natureza que o turismo e o mercado extrativista de rochas realizam no município também são distintos, uma vez que, enquanto a mineração baseia-se na retirada dos recursos naturais visando a exportação, o turismo se sustenta em salvaguardar a natureza para uma subsequente exploração econômica. Apesar do aparente caráter sustentável da atividade turística, no entanto, não são menos relevantes os impactos ambientais do turismo em São Thomé das Letras.

Não encerrando-se em si, as questões ambientais ensejam discutir as questões sociais que lhes são subjacentes. Ruy Moreira (2012) argumenta existir um duplo pressuposto que o meio ambiente não é descolado do seu quadro de arranjo do espaço geográfico, bem como da reproduzibilidade da vida humana, isto é, da sociedade. Neste sentido, Moreira (2012) explana que o conteúdo das relações homem-homem inherentemente sociais, redefinem as relações homem-natureza, tornando a lei natural e a lei social fusionadas, que, assim, não mais se patenteiam em estado puro.

Neil Smith (1988) trata deste movimento pelo que o autor define de “produção da natureza”, isto é, no modo de produção capitalista altera-se a apropriação dos bens naturais pelos seres humanos, uma vez que, no atual período histórico, a natureza presta-se à apropriação do capital, em detrimento da satisfação das necessidades humanas. De modo consequente, para Smith (1988), os valores de uso se submetem aos valores troca e, por conseguinte, torna-se obsoleta a distinção entre primeira e segunda natureza. À vista disto, o autor escreve: “Na busca do lucro, o capital corre o mundo inteiro. Ele coloca uma etiqueta de preço em qualquer coisa que ele vê, e a partir desta etiqueta de preço é que se determina o destino da natureza” (SMITH, 1988 p. 94).

O elo entre meio ambiente, sociedade e espaço é ilustrado por Moreira (2012) ao aludir a um episódio, no qual, por finalidades econômicas empregou-se agrotóxicos para destruir pragas agrícolas, porém, o biocida não surtiu o efeito desejado, pois as pragas se adaptaram ao veneno, espalharam-se, provocaram desequilíbrios ecológicos, promoveram a proliferação de mais pragas e espalharam os agrotóxicos para o solo e para as águas afetando a população, desencadeando, assim, problemas concomitantemente ambientais e de saúde pública. Logo,

segundo Moreira (2012), a rede de relações espaciais facultou problemas econômicos tornarem-se ecológicos, e, de ecológicos desdobraram-se em questões sociais.

Neil Smith (1988) também ilustra a relação entre impactos ambientais e sociedade, posto que, na produção da natureza no modo de produção capitalista, há a realização de produtos indesejáveis ao processo de produção social. Sendo assim:

Mais comumente, alguns aspectos da natureza podem ter sido alterados dramaticamente em sua forma física, pela atividade humana, sem que houvesse de alguma maneira um investimento de tempo de trabalho socialmente necessário. A produção da síndrome do choque tóxico, câncer, e outras doenças humanas produzidas são muitos exemplos, assim como as alterações climáticas oriundas da atividade humana. Como elementos de primeira natureza eles são produzidos, embora não como mercadorias . (SMITH, 1988, p. 96)

Com base no pensamento desses autores apresenta-se como intrínseca vinculação entre as problemáticas ambientais e da sociedade, posto que, viu-se em Moreira (2012), que o aumento da produtividade agrícola, enquanto uma necessidade social, acarretou em prejuízos pedológicos e hídricos, portanto, fundamentalmente ambientais Por seu turno, de Smith (1988), apreende-se que o modo capitalista de produção, introduz uma necessidade de exploração econômica da natureza, porém, neste processo produz-se consequências indesejáveis, que impactam o meio ambiente, e reverberam na sociedade. Deste modo, o ser humano assume um contraditório papel, pois por um lado é protagonista de suas ações, contudo, por outro lado, é algoz de sua própria existência.

Esta perspectiva que entende o meio ambiente indissociável da organização social presente se exprime em definições oficiais de impactos ambientais, à exemplo da Resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) de 1986 que em seu 1º artigo considera “impacto ambiental qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas” (BRASIL, 1986, p. 636).

Ainda segundo o 1º artigo, a Resolução declara, de forma ampla, que impacto ambiental afeta a saúde e bem estar da população, atividades de caráter econômico e social, biota, a estética do meio ambiente e a qualidade dos recursos naturais. (BRASIL, 1986). Destarte, é viável refletir que os impactos ambientais são derivados das ações humanas, e, concomitantemente impactam a sociedade, constituindo-se, assim, em impactos socioambientais.

Postas estas considerações, em São Thomé das Letras, o turismo, uma prática social e historicamente datada, imprimiu uma produção/reprodução do espaço na Área de Preservação Ambiental São Thomé, e, neste processo, os impactos ambientais têm se deflagrado. Por consequência, o meio ambiente modificou-se, e por extensão, modificou-se o modo de vida dos indivíduos que dependem, direta ou indiretamente, do patrimônio natural do município para reproduzir as suas condições de existência, configurando, assim, um impacto socioambiental, posto que, sua origem reside em práticas sociais e, outrossim, a sua dinâmica implica em transformações imediatas para a vida das sociedades presentes.

3.1 Impactos Ambientais do Turismo na APA São Thomé

Antes de tecer quaisquer críticas negativas quanto aos seus impactos ambientais, contudo, a produção/reprodução do espaço pelo turismo na APA São Thomé é estratégica para a proteção de sua natureza. A atividade turística promove o parcelamento do solo e a privatização da área da APA, consequentemente, para se ter acesso à alguns atrativos (cachoeira da Eubiose, da cachoeira da Lua e do complexo de cachoeiras Véu de Noiva) é necessário pagar para entrar nestes locais, pois localizam-se em propriedades particulares (algumas são chácaras, por exemplo). Sem negligenciar os aspectos controversos envolvidos com esta questão, a privatização dos espaços controla o acesso aos atrativos turísticos, bem como mobiliza quantias monetárias que podem ser revestidas à manutenção e conservação das cachoeiras, além de constituir uma importante fonte de renda para os habitantes. Logo, ainda que existam passivos ambientais, o turismo se apresenta como uma atividade mais condizente e harmônica aos preceitos de conservação ambiental ao qual a APA São Thomé se institui, tomada em comparação ao mercado extrativista de pedras

Postas estas considerações, as entrevistas coletadas ao longo do trabalho, além do laudo técnico sobre a APA São Thomé do Ministério Público de Minas Gerais (2013) forneceram bases para identificar os três impactos ambientais da APA envolvidos diretamente com a produção/reprodução do espaço da APA São Thomé pela atividade turística, que são:

- 1 Turismo Desordenado
- 2 Ocupação Irregular do Solo da APA São Thomé!
- 3 Danificação de Pinturas Rupestres!

3.1.1 Turismo Desordenado

De acordo com a definição oficial presente no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), a Área de Proteção Ambiental objetiva compatibilizar a ocupação do solo com a proteção da diversidade biológica e o uso sustentável dos recursos naturais (BRASIL, 2000). No entanto, este objetivo não está sendo cumprido na APA São Thomé, pois segundo o laudo técnico do Ministério Público de Minas Gerais (2013, p. 7):

Devido às belezas cênicas da área da APA, durante os feriados ou meses de férias, há um fluxo significativo de turistas para a área da APA. Muitos desses turistas usam as cachoeiras e outros locais da APA sem a devida atenção aos princípios corretos da educação ambiental. Essa é outra atividade que acontece no interior da APA em desconformidade com seus objetivos.

A despeito do laudo ter sido produzido em 2013, as informações contidas no documento ainda são representativas da atualidade, pois conforme entrevista⁹ junto a Vinicius do Couto Carvalho, um dos membros da equipe técnica de elaboração do plano de manejo da APA São Thomé, o turismo desordenado tem provocado problemas na APA concernentes ao lixo, especulação imobiliária e volume acentuado de visitações que superam a capacidade de carga dos ambientes naturais.

O relato do entrevistado foi reiterado por Carla González, chefe do Departamento de Turismo de São Thomé das Letras (DETUR) que em entrevista¹⁰ afirmou que os problemas ambientais provenientes do turismo, atinentes à visitação excessiva e o subsequente volume de lixo, manifestam-se, sobretudo, na única cachoeira pública do município: a cachoeira do Flávio.

Em conformidade à entrevista no Receptivo Turístico João Antão, Carla González expôs existir na cachoeira do Flávio a depredação do atrativo pelos turistas. Esta depredação se manifesta de múltiplas formas, por exemplo, por pichações, por lixo (garrafas pet e pacotes de salgadinho) lançados na água e destruição da mata ciliar circundante à cachoeira. Este último, a destruição da mata ciliar, exemplifica-se pela queima da vegetação por fogueiras acesas por turistas, derrubada de arbustos por carros de turistas que “só faltam adentrar na cachoeira” e pela retirada de espécies específicas, a exemplo de orquídeas, que, quando são procuradas para algum estudo científico não são mais encontradas, pois foram levadas por um aventureiro ou simplesmente destruídas por um visitante desconhecido.

⁹ Entrevista online concedida ao autor em 06/12/2022

¹⁰ Entrevista presencial concedida ao autor em 09/01/2023

Comparado a anos anteriores, hoje a situação é menos ruim, em virtude da prefeitura de São Thomé das Letras ter realizado um plano de reflorestamento em torno da cachoeira do Flávio e, também pelo fato desse habitante local, denominado de Flávio, o qual administra a cachoeira realizar diariamente a limpeza da mesma e alertar aos turistas sobre eventuais impactos decorrentes de suas ações. Outrossim, a prefeitura vale-se de placas para advertir os turistas sobre o que é proibido de ser feito nas visitações, tal qual ilustra a Figura 19.

Figura 18 - Cachoeira do Flávio



Autor: Elsso Silva (2023)

Figura 19 - Placa na Entrada da cachoeira do Flávio



Autor: Elsso Silva (2023)

Como se vê na Figura 18, a cachoeira do Flávio possui uma cor terrosa que decorre da erosão das estradas de terra, e a subsequente deposição das partículas erodidas na cachoeira, que, ocasionalmente, provocam assoreamentos, prejudicando, assim, a atividade turística. Para contornar este problema, a prefeitura fomenta a atuação de mutirões, coordenados por organizações civis locais em associação aos moradores de São Thomé das Letras que, em caráter voluntário, retiram a areia da cachoeira, tornando-a, novamente, consumível como produto turístico.

No rol de estratégias para solucionar as questões ambientais enfrentados na cachoeira do Flávio, a prefeitura vislumbra transferir a administração do atrativo para a iniciativa privada, igualmente, transferindo os possíveis custos (gastos com segurança e manutenção) e lucros advindos da exploração econômica da cachoeira. No entanto, tratando-se da única cachoeira pública do município, esta medida possivelmente não terá uma fácil aceitação dos municípios.

3.1.2 Ocupação Irregular do Solo da APA São Thomé

Além do turismo desordenado, o laudo técnico do Ministério Público de Minas Gerais (2013), afirma que os três objetivos que ensejam a existência de uma Área de Proteção Ambiental – disciplinar o processo de ocupação, assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e proteger a diversidade biológica - estão comprometidos na circunscrição da APA São Thomé, pois:

[...] a ocupação da área através do parcelamento do solo já é motivo de preocupação pelo fato de estar acontecendo desordenadamente, tendo como causa principal a inexistência do plano de manejo e do zoneamento da APA, impossibilitando um dos objetivos básicos dessa unidade de conservação que é o de disciplinar o processo de ocupação (MP, 2013, p.7)

Em São Thomé das Letras, a ocupação desordenada da área rural tem se constituído em um impasse ambiental e social, cujas imbricações com o turismo não passam desapercebidas.

Em primeiro lugar, a Lei Federal Nº 5.868 de 12 de dezembro de 1972 determina, no artigo 8º, uma fração mínima de parcelamento (FMP) de um imóvel rural (BRASIL, 1972). Em outros termos, os lotes rurais não podem possuir qualquer área, mas sim devem ter um tamanho mínimo que difere de município para município. De acordo com entrevista com Vinícius do Couto Carvalho, em São Thomé das Letras, as áreas dos lotes rurais não podem ser menores que 2 hectares ou 20.000 m².

Em segundo lugar, o entrevistado relatou existir hoje na área rural do município, contemplando a APA São Thomé, um processo de *chacreamento*, ou seja, a venda e compra de imóveis rurais. Porém, algumas destas propriedades postas à venda não cumprem com a exigência mínima de 2 hectares, impossibilitando, assim, a regulação da escritura pela prefeitura, e, por conseguinte, tornando o imóvel ilegal.

Este fenômeno relaciona-se com o turismo, pois de acordo com o entrevistado, a atividade turística tem fomentado a especulação imobiliária na APA São Thomé, em virtude de uma busca cada vez mais crescente pelo que se denomina de segunda residência. Deste modo, associa-se os chacreamentos ilegais ao turismo, pois parte das propriedades irregulares emergem para atender à demanda turística, seja na forma de segundas residências, vendidas irregularmente, ou como pequenas pousadas, cuja regularização escapa ao domínio do DETUR.

No entanto, Carla González, chefe do DETUR, oferece-nos outra possibilidade de entender o fenômeno. Conforme a entrevistada, as ocupações irregulares da área rural de São

Thomé das Letras, que estendem-se às circunscrições da APA, são majoritariamente constituídas por habitantes locais e, somente uma parcela ínfima de terrenos ilegais prestam-se a atender a demanda turística.

Porém, ao questionarmos as razões que levam os moradores a ocupar irregularmente os terrenos, a chefe do DETUR respondeu que uma possível razão explica-se pela atividade turística, uma vez que, o perímetro urbano é repleto de atividades econômicas voltadas para o turismo, a exemplo de pousadas, hotéis além de kitnets alugadas para temporadas ou finais de semana. Desta forma, este uso turístico do espaço urbano, promove no município um déficit habitacional, pois os moradores não encontram casas de aluguel (muitas são utilizadas como kitnets) e quando encontram, os preços são muito acima de seus rendimentos. Por consequência, os habitantes permanentes veem-se forçados a estabelecer as suas moradias nos limites de suas possibilidades, o que infelizmente, contempla a ocupação de terrenos irregulares ao longo da zona rural, incluindo a APA São Thomé.

Carla Gonzalez aponta que o agravante principal desta problemática reside no próprio limite físico do perímetro urbano, em razão de que, a zona urbana do município encontra-se envolvida por uma área tombada (Parque Municipal Antônio Rosa), onde não é permitido construir, além de áreas de mineração e dejetos dos quartzitos extraídos, que impossibilitam a construção de quaisquer acomodações imobiliárias. Por consequência, na inviabilidade de estabelecer as suas moradias na porção urbana, os habitantes são compelidos a viverem na zona rural do município, incluindo a APA São Thomé, que, nos recentes anos tem aumentado em número de construções, e, por conseguinte, de moradores.

Oliveira (2017) afirma que a ocupação desordenada do solo tem provocado impactos ambientais concernentes ao desmatamento, poluição e diminuição das águas do ribeirão Cantagalo. A autora cita o estudo de Nadalete e Sanguinetto (2015) que constata que parte da bacia do ribeirão Cantagalo encontra-se imprópria para o consumo humano, devido a coliformes fecais e totais resultantes de atividades pastoris e do esgoto humano. Ademais, Nadalete e Sanguinetto (2015) apontam em seu estudo que ações individualistas, desconsiderando a gestão e a parcimônia dos recursos, têm promovido uma sobrecarga do sistema produtor, isto é, o uso excessivo dos recursos hídricos. Por consequência, nos períodos de estiagem os afluentes do ribeirão Cantagalo não contribuem com o rio principal, apresentando-se secos a dezenas e centenas de metros do montante de sua foz. Oliveira (2017) argumenta que estas problemáticas afetam a saúde das comunidades rurais de São Thomé das Letras, o abastecimento hídrico do município e compromete o futuro da atividade turística.

Admitindo a relevância do turismo como fonte de renda, então é também possível afirmar que estes passivos ambientais desdobram-se em questões econômicas.

Destarte, a ocupação desordenada do solo faz crescer a demanda dos recursos naturais protegidos pela APA, prejudicando os moradores que necessitam destes bens para sua sobrevivência. Dada a consolidação da atividade turística, associada aos limites geográficos do município, os loteamentos irregulares tornam-se um impasse ambiental e social para o poder público, constituindo-se, assim, um problema de difícil solução.

3.1.3 Danificação de Pinturas Rupestres

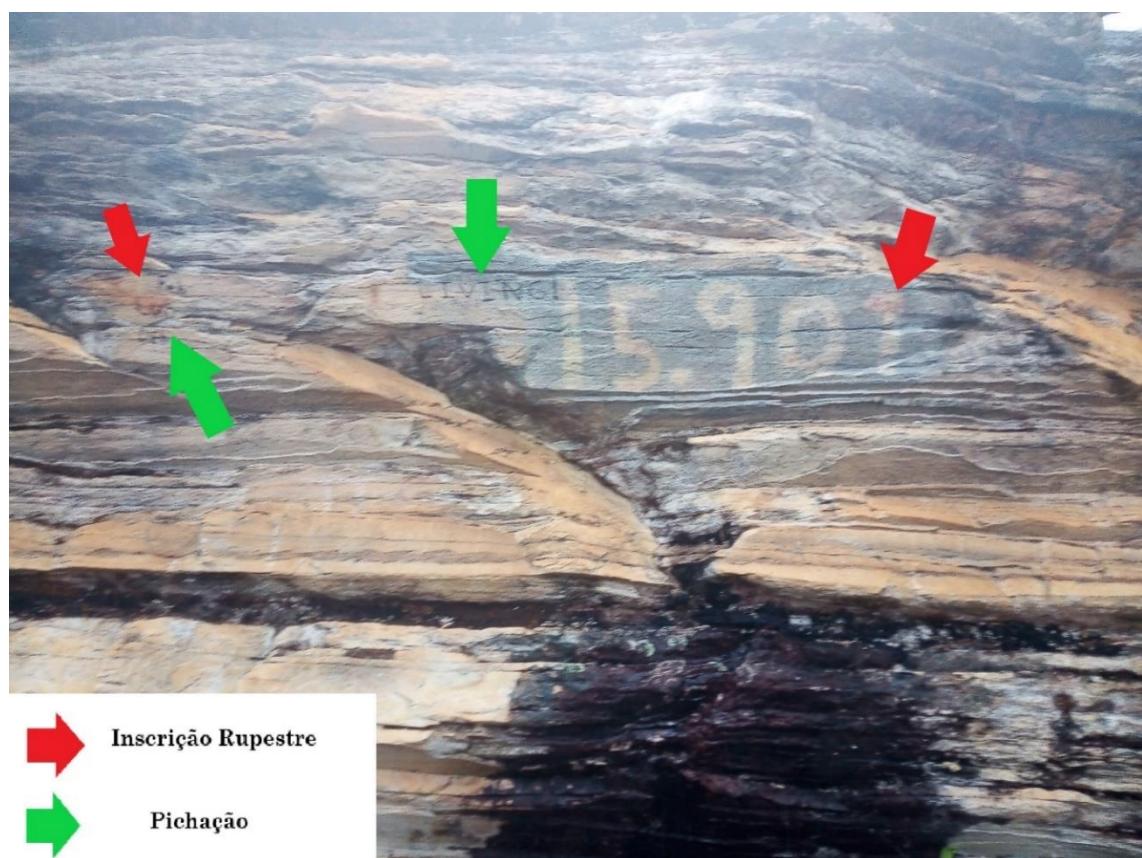
São Thomé das Letras comporta um vasto repertório cultural expresso pela ufologia, lendas locais e histórias fantásticas que forjam o caráter místico-esotérico do lugar. Por sua vez, neste repertório, inclui-se um acervo arqueológico cuja expressão máxima são as pinturas rupestres espalhadas ao longo do município. Oliveira (2017) afirma haver 14 inscrições rupestres em São Thomé das Letras, distribuídas geograficamente da seguinte forma: 7 em áreas extrativistas, 3 no perímetro urbano, 1 na cachoeira *Shangrilá*, (bairro rural São Sebastião), 1 no Pico do Leão (bairro rural Sobradinho) e 2 na Área de Proteção Ambiental São Thomé. Na APA, um destes registros históricos é situado na “Pedra do Disco”, localizado entre os bairros Cantagalo e Areado na zona rural.

Mais precisamente, a Pedra do Disco foi inscrita em um painel de rocha monazítica localizado na estrada em direção à Cruzília (MG). À leste da estrada encontra-se a inscrição e à oeste há o “Mirante da Pedra do Disco”, apreciado pelos turistas para contemplar o nascer do sol, o luar estrelado e eventuais fenômenos astrológicos. O pesquisador em arqueologia de São Thomé das Letras denominado Oriental Luiz Noronha (2003) em sua obra “São Thomé das Letras e o mundo subterrâneo” afirma que a pintura rupestre da Pedra do Disco trata-se de um registro ufológico feito em tempos pretéritos.

Na fonte citada, estima que a inscrição foi realizada por indígenas Cataguases aproximadamente entre 2.000 e 5.000 anos atrás. Noronha (2003) descreve o registro como sendo constituído por três desenhos: um tucano, uma cobra e uma nave espacial, de maneira que, pressupõe-se que o indígena visualizou um objeto voando até aos céus como um tucano e que sua atitude de voo era similar ao rastejar sinuoso de uma cobra. Segundo o autor os objetos foram pintados em vermelho, mas o que seria luz ou fogo foi colorido em amarelo, à exemplo da cúpula e dos bocais inferiores da nave espacial.

Conforme Noronha (2003) a inscrição foi vandalizada por um vereador que ao fixar seu número eleitoral no painel rochoso, o sobreponhou à pintura rupestre. A fonte citada também atribui o desgaste do atrativo a intempéries. Assim sendo, desde os anos 2000 os desenhos da Pedra do Disco não são mais visíveis, restando somente vestígios, porém, estes parcos vestígios continuam sendo vandalizadas, tal como constata-se pelas pichações na Pedra do Disco representadas pela Figura 20.

Figura 20 - Pedra do Disco pichada



Autor: Fotografado e Editado por Elsso Silva, 2023

Embora não se saiba ao certo quem efetuou as pichações, tudo indica que tenha sido algum turista, pois segundo entrevista junto a Carla González os problemas concernentes a pichações no município envolvem sempre visitantes. Desta forma, a chefe do DETUR informou que quando o turista vê algum local com adesivo ou que já esteja pichado, o viajante pensa que é permitido fazer o uso que desejar do local, o que inclui colocar adesivos e escrever ou rabiscar com tinta que caracteriza a pichação. Sendo assim, depreende-se da Figura 20 uma dupla problemática, em razão de que, as pichações já estão sendo feitas sobre inscrições rupestres, bem como, estas pichações existentes estimulam que outros pichadores venham ao local e

escrevam, danificando com tinta, spray aerossol ou qualquer outro material, o patrimônio histórico e arqueológico de São Thomé das Letras.

Neste sentido, faz-se necessário reiterar a crítica proferida por Oliveira (2017) à preservação dos bens culturais do município, no que pese os sítios arqueológicos, pois certas normas não são cumpridas, não há inventários e explicações detidas da importância da maioria destes bens e são incertas as diretrizes de preservação do patrimônio cultural são-tomeense. Deste modo, nota-se que os problemas de proteção ao sítio arqueológico na APA São Thomé reproduzem os problemas macroestruturais que englobam toda São Thomé das Letras.

Por fim, é plausível correlacionar os impactos ambientais referidos anteriormente ao uso promovido pela produção/reprodução do espaço da APA pelo turismo, posto que, os turistas são usualmente atraídos aos atrativos da APA São Thomé em virtude dos meios de hospedagem, dos equipamentos de restauração (em especial os bares e restaurantes), e dos signos e representações simbólicas projetadas sob os atrativos da APA, que criam uma atmosfera místico-esotérica, bem como romantizam as belezas naturais que, assim, tornam-se exploradas pelo ecoturismo. Neste sentido, no que tange à danificação de pinturas rupestres e o turismo desordenado (expressando-se principalmente na cachoeira do Flávio) observa-se que são os turistas, associados a falta de educação ambiental e da inexistência de projetos de preservação dos sítios arqueológicos, que provocam os impactos ambientais. No que concerne à ocupação desordenada, nota-se que esta problemática efetua-se pela própria produção turística do espaço da APA, em virtude de algumas pousadas e casas de segunda residência se estabelecerem em lotes irregulares, como também, é uma questão ambiental correlacionada ao avanço da urbanização do município, à produção turística do espaço no perímetro urbano e, por fim, aos próprios limites físicos impostos pelas dimensões geográficas de São Thomé das Letras.

A despeito de estas problemáticas estarem ocorrendo na circunscrição da APA, estas questões não estão sendo assistidas passivamente pela prefeitura e pelas organizações civis locais que, em conjunto, têm mobilizado esforços para proteger o meio ambiente, por intermédio de uma exploração turística sustentável que, entre tantas consequências, garante a reproduzibilidade das condições de existência dos habitantes de São Thomé das Letras em consonância à preservação dos bens naturais.

3.2 Medida 1: Plano de Manejo

A lei nº 9.985 de 2000 que institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) define plano de manejo no inciso XVII do artigo número nº2 como sendo um

documento técnico que estabelece o zoneamento e as normas de uso e manejo dos recursos naturais, contemplando a implementação de estruturas físicas adequadas à gestão da Unidade de Conservação em questão (BRASIL, 2000).

Baseando-se na definição oficial do SNUC, Vinícius do Couto Carvalho (2022), no documento preliminar “ Reunião Pública Área de Proteção Ambiental – APA” , afirma que o plano de manejo cumpre um papel simultaneamente gerencial e técnico, que presta-se a orientar de forma clara e concisa a gestão da Unidade de Conservação. No caso específico da APA São Thomé, a construção de seu plano de manejo tem sido discutida desde 2012, porém, somente em 2020 assinou-se um convênio entre a prefeitura de São Thomé das Letras, o Ministério Público de Minas Gerais, a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Arpa Rio Grande e a equipe técnica da Universidade Federal de Lavras (UFLA) para a realização do plano.

O plano de manejo da APA São Thomé é estruturado em módulos que conformam duas etapas ou fases distintas: as fases de diagnóstico e planejamento. O diagnóstico, que comporta três módulos, almeja realizar um levantamento e análise de elementos bióticos, abióticos e socioculturais locais, identificar espécies necessárias à conservação, investigar a vinculação entre as comunidades rurais e a Unidade de Conservação, e indicar o nível de conservação e as possibilidades de uso da APA São Thomé. (CARVALHO, 2012)

Por seu turno, também constituído por três módulos, o planejamento visa estabelecer as diretrizes e estratégias para o zoneamento, indicar normas, projetos e atividades úteis a gestão da APA São Thomé ,e, por último, fornecer ferramentas que possam monitorar e avaliar se o plano de manejo está sendo executado de forma eficiente ou não. (CARVALHO, 2012). Em entrevista, Vinicius do Couto Carvalho esclareceu que para ocorrer o plano de manejo, a comunidade local foi dividida em diversos setores de interesse e, assim, entre estes setores houve, em 2022, oficinas para definição dos zoneamentos e dos alvos de conservação da APA São Thomé. Atualmente, a equipe técnica trabalha para a realização de trabalhos de campo e posteriores trabalhos de gabinete, isto é, em escritório, para a redação final do plano de manejo. Não há data para sua conclusão, mas estima-se que ainda em 2023 o documento estará em funcionamento e aberto para a apresentação e apreciação pública.

Conforme Carvalho (2012), a depender das oficinas e da participação da comunidade no plano de manejo, a APA irá dividir-se em zonas sem ou com baixa intervenção, zonas com média intervenção e zonas de alta de intervenção humana. Desta forma, o plano de manejo é fundamental para a exploração sustentável dos recursos naturais da APA, uma vez que, o documento irá absorver as principais reclamações provenientes das organizações públicas e

civis, e, assim, propor eventuais estratégias para contornar as problemáticas ambientais presentes na Unidade de Conservação. Assumindo que o turismo desordenado, a ocupação irregular do solo e a danificação de pinturas rupestres são alguns dos problemas que afetam a APA, o plano de manejo pode estabelecer zonas de preservação dentro da APA, que não poderão ser ocupadas, determinar uma capacidade de carga para limitar a quantidade de turistas e, também, fornecer diretrizes para proteção de sítios arqueológicos, entre outras medidas que possam garantir o funcionamento da APA São Thomé em conformidade aos objetivos do aparato legal que a institui.

3.3 Medida 2: Lei de Eventos

A lei municipal nº 1484, denominada lei de eventos, almeja regular e reduzir a quantidade de festivais, diminuindo, assim, a exorbitante quantidade de turistas e, por conseguinte, os passivos ambientais e sociais decorrentes da visitação excessiva. De acordo com Carla González, chefe do DETUR, esta lei fez-se necessária por conta de um episódio turbulento do município ocorrido em 2018 quando, um evento denominado de *STL festival* ocorreu simultaneamente à semana santa, isto é, um feriado de alta temporada, atraindo assim, aproximadamente 15.000 pessoas. Por consequência da excessiva quantidade de visitantes, São Thomé das Letras tornou-se um caos, em virtude dos impactos sobre o patrimônio natural, bem como pelo colapso estrutural do perímetro urbano.

A chefe do DETUR narrou que, nesta ocasião, a excessiva quantidade de turistas colocou muitos automóveis nas ruas, impedindo, desta forma, o livre trânsito de ambulâncias e carros policiais. Para os restaurantes as consequências foram catastróficas, pois o turista demorava quatro horas na fila e, passadas estas quatro horas, o turista não encontrava mais comida a ser servida; a população local também arcou com as consequências do turismo desordenado, em razão do esgotamento dos estoques de supermercados e excesso de consumo d'água, comprometendo o abastecimento hídrico do município. Outrossim, no parque Antônio Rosa, um visitante, ao acender uma fogueira ateou fogo na vegetação nativa, destruindo, assim, parte do patrimônio natural do alto da serra.

Temendo ter a imagem do produto turístico de São Thomé das Letras prejudicada, em 2019 tramitou na câmara dos vereadores a lei de eventos de nº 1484 objetivando delimitar a quantidade de espetáculos festivos nos limites municipais, por conseguinte, reduzindo os impactos imediatos provocados pela visitação excessiva.

O artigo 1º apresenta a lei de eventos e detalha os objetivos que a legislação municipal visa cumprir nos seguintes termos:

Esta lei estabelece requisitos e limites para a concessão de licenças e fixas outras normas pertinentes para realização de eventos artísticos e musicais no município de São Tomé das Letras, visando preservar o interesse público e o bem-estar da população e dos turistas, preservar as tradições culturais locais autênticas, preservar os atrativos turísticos naturais e edificados, evitar o colapso da infraestrutura local e resguardar o Erário Público. (SÃO TOMÉ DAS LETRAS, 2019, p.1)

Na continuidade do texto da lei de eventos, o artigo 2º proíbe durante Carnaval, Réveillon e Semana Santa “ quaisquer shows e eventos artísticos musicais, públicos ou particulares com cobrança de ingressos (seja de forma direta ou indireta)” (SÃO TOMÉ DAS LETRAS, 2019, p.1). A lei, no entanto, é dúbia, pois possui algumas brechas, posto que, durante os feriados acima mencionados é permitido “shows, bailes, festas e eventos artísticos em recintos fechado e coberto, com lotação de no máximo 1.000 (mil) pessoas, inclusive eventos com venda de ingressos” (SÃO TOMÉ DAS LETRAS, 2019, p.1).

Deste modo, depreende-se da lei de eventos que é vedada não a ocorrência de todo e qualquer evento, mas de festivais de grande magnitude simultâneas aos feriados de alta visitação. Consequentemente evita-se que São Thomé das Letras receba uma quantidade de turistas superior a três vezes o número de seus habitantes, uma quantidade que o município não comporta. Deste modo, proibindo os grandes eventos durante importantes feriados (Réveillon, Carnaval e Semana Santa), a lei controla a fruição de visitantes ao longo do município, contemplando tanto o perímetro urbano, como a zona rural, onde se situa a APA São Thomé. Como corolário da diminuição de turistas reduz-se também os impactos ambientais e sociais inerentes à visitação excessiva.

3.4 Medida 3: Movimento Todos pela Água

Milton Santos (2006), na obra “A Natureza do Espaço”, enfoca o espaço como categoria constituída por verticalidades, isto é, os pontos separados entre si que garantem o funcionamento social e econômico da ordem global, e as horizontalidades que correspondem a extensão espacial estruturada por pontos agregados contiguamente. Segundo Santos (2006), as verticalidades têm um caráter entrópico ao promover uma ordem a seu favor, porém, provocando desordem aos subespaços dominados. A despeito disto, os lugares podem

fortalecer-se horizontalmente, “reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2006, p. 194).

A atuação do Movimento Todos Pela Água, que constitui a principal organização civil para a promoção dos interesses públicos locais concernentes às temáticas ambientais municipais, pode ser compreendida como parte das horizontalidades que perpassam a vida no município. De acordo com entrevista¹¹ com Ana Marcondes Sigaud, o Movimento Todos Pela Água centra-se na proteção da hidrografia municipal, pois, segundo a entrevistada, as águas são o principal patrimônio de São Thomé das Letras, em virtude de que a hidrografia garante a reprodução de vida dos moradores, posto que, sem água não há vida, isto é, os habitantes necessitam consumi-la para reproduzir as suas condições de existência, bem como, as nascentes são de importância ímpar para as cachoeiras, por extensão, para a atividade turística, da qual deriva a principal fonte de renda dos municípios.

Atuando desde o final de 2014, segundo Ana Sigaud, o movimento caracteriza-se por sua versatilidade, exercendo, assim, diversas ações de impacto público no que tange à proteção do meio ambiente. A entrevistada relatou que o movimento realiza a construção de fossas de evapotranspiração para os habitantes da zona rural e a organização já atuou na limpeza e desassoreamento das cachoeiras do Flávio e da Lua. Ademais, o movimento destaca-se pelo seu caráter político, sempre atuante na câmara dos vereadores e nos eventos públicos municipais. Entre as principais reivindicações atuais do Movimento Todos Pela Água, menciona-se a construção de um parque na cachoeira do Flávio com banheiros e bacias de contenção para evitar o assoreamento, realização de concursos públicos no município, a transferência da captação d’água da COPASA que atualmente ocorre no Ribeirão Cantagalo e a proibição do uso de agrotóxicos nas plantações de batata no bairro de Sobradinho.

Abordando temáticas ambientais, que trespassam as esferas políticas, econômicas e sociais de São Thomé das Letras, o Movimento Todos pela Água tem sido relevante para a exploração sustentável do turismo na APA São Thomé, posto que, segundo a entrevistada, a organização encarregou-se de mobilizar as reivindicações dos moradores da APA contra megaeventos promovidos pelo turismo na Unidade de Conservação. Estes festivais, realizados em *campings* e restaurantes locais, próximos à cachoeira da Eubiose, costumavam ocorrer, segundo a entrevistada, entre 2015 e 2017, reunindo cerca de 1000 pessoas, porém, a abundante carga de visitantes promovia poluição sonora, lixo, muito consumo de água e impedia o livre

¹¹ Entrevista concedida ao autor em 30/01/2023

trânsito no espaço da APA, em virtude do número excessivo de automóveis estacionados nas estradas. Por consequência, o Movimento Todos Pela Água se uniu aos moradores e criou um abaixo-assinado contra a presença desses eventos. Em função das constantes queixas, o promotor dos festivais percebeu a incompatibilidade de suas ações com a conservação do meio ambiente ,e, sobretudo, com o bem-estar da população local, e, deste modo, de 2017 para cá não mais empreendeu quaisquer festividades de grandes dimensões, o que constituiu uma grande vitória dos moradores da APA e do Movimento Todos Pela Água.

Por fim, segundo Milton Santos (2006, p.193) as horizontalidades “são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta”. Sendo assim, depreende-se que as ambiguidades são imanentes às horizontalidades e, estas contradições se verificam no Movimento Todos pela Água, pois os membros da organização se opõe ao turismo predatório, mas ao mesmo tempo, dependem da atividade turística como fonte de renda. Este impasse, todavia, ao invés de limitar a organização, constitui a sua principal riqueza, uma vez que, o Movimento Todos pela Água concilia práticas sociais à conservação do meio ambiente, cooperando, assim, para São Thomé das Letras tornar-se um lugar de vivências sustentáveis e um espaço da dignidade humana. Nas palavras de Ana Sigaud: “Uma boa cidade para o turismo, é, antes de tudo, um bom lugar para se viver”.

CONCLUSÃO

Uma das maiores obras-primas da carreira de Alejandro González Iñárritu é o filme de 2000 denominado de “Amores Perros”. Este longa-metragem narra três episódios de vida de três personagens distintos: Octavio, um jovem que sobrevive de rinha de cães e é obcecado pela cunhada Suzana; Valeria, uma modelo e atriz recentemente esposada por um homem que abandonou mulher e filhas e Chivo, um “falso” mendigo que pratica assassinatos de aluguéis e vive atormentado por ser um pai ausente. Violento e ao mesmo tocante, o filme aborda temáticas que nos sensibilizam profundamente, tais como agressão, traição, ingratidão, solidão, abandono, inveja, angústia e opressão. Outrossim, o longa enseja reflexões, uma vez que Octavio, a favor de seus próprios interesses manipula seu cachorro tornando-o um mero títere nas rinhas caninas, e, de mesmo modo, Chivo é um títere, enquanto assassino de aluguel para grandes empresários. Destarte, depreende-se metaforicamente da obra de Iñárritu que a forma violenta, agressiva e opressiva que tratamos a natureza é, de modo semelhante, a mesma forma que nos portamos e tratamos uns aos outros enquanto seres humanos.

Sob esta ótica, admitindo o turismo na condição de prática social, e, portanto, forjado culturalmente pela história humana, ao almejar apreender as relações entre a prática turística e os impactos ambientais, então, igualmente propõe-se um entendimento da nossa sociedade. Desta forma, ao apreender as vinculações entre o turismo e os subsequentes impactos para os elementos bióticos e abióticos da Área de Proteção Ambiental São Thomé, a pesquisa ensejou discutir questões ambientais, sociais e econômicas que influem de modo direto na vida dos habitantes de São Thomé das Letras.

Nas circunscrições da APA São Thomé há na atualidade uma “produção turística” do espaço. Esta produção efetua-se imaterialmente pelas representações simbólicas concernentes ao místico-esotérico, pela valorização da beleza cênica enquanto novas raridades, pelo *marketing* público promovido pelo DETUR e pela capacitação profissional de guias de turismo. A produção abrange a dimensão material do espaço concretizando-se pela instalação de vias de acesso, compreendendo estradas principais e vicinais, bem como meios de hospedagem como *campings*, chalés, hotéis e pousadas, fomentando, assim, o consumo do espaço pela atividade turística, mediante a privatização do solo da APA, posto que, além dos empreendimentos, muitos atrativos turísticos encontram-se em propriedades particulares.

Por consequência desta produção turística do espaço, a APA São Thomé tem experenciado passivos ambientais expressos pelo turismo desordenado, pela danificação de pinturas rupestres e pela ocupação irregular do solo. Estes impactos ambientais correlacionam-

se ao turismo, uma vez que, nos dois primeiros casos, verifica-se que o turista é o principal agente destes impactos, de maneira que, os viajantes são atraídos pela valorização simbólica projetada sob a APA. Este problema recrudesce na medida que inexiste uma educação ambiental pública e um programa de proteção aos sítios arqueológicos. No que tange à ocupação irregular do solo, este impacto constitui-se um impasse, pois algumas destas ocupações prestam-se a um uso urbano, com finalidade de lazer (segunda residência e pequenas pousadas), além de expressar os limites geográficos do município e o déficit habitacional do perímetro urbano promovido pela atividade turística.

Estes problemas acarretam na destruição da natureza, promovendo o desequilíbrio entre atividades antrópicas e a conservação dos bens naturais, assim, comprometendo a existência da APA São Thomé e prejudicando todos os sujeitos que necessitam dos bens protegidos pela Unidade de Conservação para viver. Como corolário destas considerações, respeitar, conservar, preservar e proteger os atributos naturais da APA é assegurar as condições de sobrevivência dos habitantes de São Thomé das Letras, porém, de modo recíproco, destruí-la, é impossibilitar a reprodução de vida de múltiplas existências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORES PERROS; Direção: Alejandro González Iñárritu. Produção: Altavista Films, Z Films. México: Europa Filmes, 2000. 1 DVD (153 min).

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa/ 2^a ed.** Tradução: Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 170

BRASIL, Conama. **Resolução nº1, de 23 de janeiro de 1986.** Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. Diário Oficial da União. 17 de fevereiro de 1986. Disponível em: https://www.suape.pe.gov.br/images/publicacoes/legislacao/3._CONAMA_01_1986.pdf. Acessado em 20 fev. 2023

BRASIL. Lei nº 5.868, de 12 de dezembro de 1972. Cria o Sistema Nacional de Cadastro Rural, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 12 dez. 1972. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5868.htm#:~:text=LEI%20No%205.868%2C%20DE%2012%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201972&text=Cria%20o%20Sistema%20Nacional%20de,Art. Acessado em: 20 fev. 2023

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Brasília: MMA/ SBF, 2011, p. 24

BRASIL, Ministério do Turismo. Ecoturismo: **Orientações básicas.** 2^a ed. – Brasília: Ministério do Turismo, 2010

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (Re)Produção do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Mundialidade do Espaço. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética.** São Paulo: Hucitec, 1996. p.121-134.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O consumo do espaço” . In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001. p.173-186.

CARLOS, Ana Fani A. “Novas” contradições do espaço. In: DAMIANI, A.L; CARLOS A. F. A.;SEABRA, O.C DE L (org.). **O espaço no fim do século: A nova raridade**. 1^a ed – São Paulo: Contexto, 1999, p.62-74

CARLOS, Ana Fani A. **O Turismo e a Produção do Espaço**. Revista Geografia e Ensino, Belo Horizonte – MG, V.8, n.1, 2002, p. 47-56

CARVALHO, Vinicius do Couto; **Reunião Pública Área de Proteção Ambiental - APA**. São Tomé das Letras, maio 2022. Disponível em: <https://saotomedasletras.mg.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Reuniao-Publica-Diagnostico-Preliminar-APA-Sao-Tome.pdf> . Acessado em: 20 fev. 2023

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. DE; GOMES, P.C. DA C.; CORRÊA R.L. (org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2^a ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000, p.15- 47

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da; **Introdução à Geografia do Turismo**/2^a ed. São Paulo: Roca, 2003, p.125

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da; **Geografias do Turismo: De Lugares a Pseudo-Lugares**; 1^a ed. colaboradores, André Luiz Sabino, Fabio Silveira Molina, Rodolfo Pereira das Chagas – São Paulo: Roca, 2007, p. 138

D'AURIA, Carla Alfonsina. **São Thomé das Letras na encruzilhada das fontes, dos tempos e dos saberes: um estudo sobre etnografia e historicidade com registros audiovisuais**. Dissertação (Mestrado em Multimeios), Instituto de Artes, UNICAMP, Campinas, 2000, p.431

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. 6^a ed. Ampliada. São Paulo: Hucitec: Nupaub – USP/CEC. 2008, p. 189

DUARTE, Cláudio Roberto. Notas de Pesquisa: Das contradições do Espaço ao Espaço Vivido em Henri Lefebvre. In: DAMIANI, A.L; CARLOS A. F. A.;SEABRA, O.C DE L (org.). **O espaço no fim do século: A nova raridade.** 1.ed – São Paulo: Contexto, 1999, p.75-80

Estradas Precárias: Chuva e Moradores Pedem Socorro; **Jornal São Tomé Online;** 06 jan.2023. Disponível em: <https://www.viafanzine.jor.br/tome/estradas.htm?fbclid=IwAR1I7N7qvOj4A8SUUDk9JF-Yvs14oAZfOINZm9X2tQ-Q7H-wuelmbIkIKlQ> . Acessado em: 20/02/2023

FALEIRO, Rodrigo Paranhos. FLEISCHER, David Ivan. São Thomé das Letras e São Jorge; gênese, conflito e identidade na constituição dos atrativos para um mercado turístico. In: **Variações interétnicas: etnicidade, conflitos e transformações;** Stephen Grant [et al.]. Brasília: Ibama; UNB/ Ceppac; IEB, 2012, p. 247-282

FEAM. Plano de ação para a sustentabilidade do setor de rochas ornamentais quartzito - São Thomé das Letras. Belo Horizonte: Fundação Estadual do Meio Ambiente, 2009, p. 143

FLEISCHER, David Ivan R. . **Ecoturismo ou Éca! Turismo! : Sustentabilidade e adaptabilidade em uma cidade mineira.** Revista Anthropológicas , v. 18, 2007, p. 171-204, .

GARAY, Irene; IRVING, Marta, MEDEIROS, Rodrigo. A Proteção da Natureza no Brasil: Evolução e Conflitos de um Modelo em Construção. **Revista de Desenvolvimento Econômico.** Salvador, n. 9, p. 83 – 93

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des) Caminhos do Meio Ambiente.** 14^a ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 10-17

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano.** 2. Ed. São Paulo: Edusp, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Cidades IBGE,** 2023. Panorama município São Tomé das Letras. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-tome-das-letras/panorama> . Acessado em: 20 fev. 2023

LEFEBVRE, Henri. Estrutura Social: a reprodução das relações sociais de produção In: MARTINS, José de Souza e FORACCHI, Marialice Mencarini (org.). **Sociologia e Sociedade**. RJ: LTC Editora AS, 1977, p. 219-254.

MARTINS, Sérgio. Crítica à Economia Política do Espaço. In: DAMIANI, A.L; CARLOS A. F. A.;SEABRA, O.C DE L (org.). **O espaço no fim do século: A nova raridade**. 1.ed – São Paulo: Contexto, 1999, p.13-41

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS, Procuradoria-Geral de Justiça. **Laudo Técnico Área de Proteção Ambiental de São Thomé das Letras**. Minas Gerais, 2013.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1^a ed. 1^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008, p.61-79

NADALETE, Bruna de Oliveira. SANGUINETTO, Evandro. Avaliação preliminar da qualidade da água na porção superior da bacia do ribeirão Cantagalo, São Thomé das Letras (MG). **Congresso Nacional de Meio Ambiente de Possos de Caldas**, 2015.

NORONHA, Oriental Luiz. **São Thomé das Letras e o Mundo Subterrâneo**.São Paulo: Madras Editora LTDA.2003, p.173

OLIVEIRA, Juliar de Souza. **Turismo e Mineração na produção do espaço no município de São Thomé das Letras**; Juliar de Souza Oliveira; Orientador: Márcio Roberto Toledo; São João del-Rei, 2017, p. 142

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001. Tradução de: Dolores Martin Rodrigues Corner. p. 35-50

RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastreri. **Turismo e Espaço: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar.** São Paulo : Hucitec, , 1997.

SANTANA. Paola Verri de. **Ecoturismo: Uma Indústria sem Chaminé?** 1^a ed. São Paulo: Labur Edições. 2008, p. 147

SANTANA, Paola.Verri. A mercadoria verde: a natureza. In: DAMIANI, A.L.; CARLOS, A.F.A.;SEABRA, O.C.L. **O Espaço no Fim de Século: a Nova Raridade.** 1^a ed. São Paulo: Contexto, 1999, p. 177-189

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção – 4. Ed.** São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p.258

SÃO THOMÉ DAS LETRAS. Área de Proteção Ambiental de São Thomé. São Thomé das Letras, Minas Gerais. 2003.

SÃO TOMÉ DAS LETRAS. Lei Nº 1,484, de 29 de maio de 2019. Estabelece normas e limitações para a realização de eventos artísticos no município de São Tomé das Letras, na situação que menciona. **Prefeitura Municipal de São Tomé – MG.** Disponível em: https://www.legislador.com.br/imgLei/310621131_pdf3_1_1484_2019.pdf; Acessado em: 20 fev. 2023

SMITH, Neil. **Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção do Espaço.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1988

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua ;**A inflexão do conceito gentrificação em conjuntos urbanos patrimoniais em cidades de pequeno porte : os casos mineiros de São Thomé das Letras e Tiradentes /** Gustavo Pimenta de Pádua Zolini - 2007. p. 181

APÊNDICE

Entrevista Online com Carla González (Chefe do DETUR)

- 1 - Apresentação do trabalho
- 2 – Qual a participação do turismo na Economia do município?
- 3– Quantos turistas se deslocam para STL? Qual a quantidade de eventos?
- 4– Quais as modalidades de turismo explorada na APA?
- 5 – Há um inventário turístico atualizado da APA São Thomé?
- 6 – Como se estrutura a propaganda de marketing do município? Como se estrutura a capacitação profissional ?
- 7 – Quais os problemas ambientais ocorridos na APA decorrentes da exploração do turismo?
- 8 – Há grupos sociais que trabalham para construir um turismo sustentável na APA São Thomé?

Entrevista presencial com Carla González (Chefe do DETUR)

- 1 - Qual controle o DETUR possui das infraestruturas turísticas do município ?
- 2 - Onde principalmente se deflagram os problemas ambientais decorrentes da exploração turística da APA São Thomé ?
- 3- Quais problemas o DETUR tem experenciado quanto às pichações ?
- 4- Que medidas o DETUR tem promovido para solucionar os problemas dos impactos ambientais do turismo na APA São Thomé ?

Entrevista com Vinicius do Couto Carvalho (membro da equipe técnica da UFLA)

- 1- Apresentação da pesquisa
- 2– Qual a importância do Plano de Manejo para a APA São Thomé?
- 3– Em qual etapa de elaboração encontra-se o Plano de Manejo ?
- 4– O que discutiu-se nas últimas oficinas de elaboração do Plano de Manejo ?
- 5 – Qual o perfil de turista que geralmente visita São Thomé das Letras ?
- 6 – Qual a relação entre os impactos ambientais da APA e a prática turista ?

Entrevista com Ana Marcondes Sigaud (Movimento Todos pela Água)

- 1 – Quando e por quais razões o movimento foi criado?
- 2 – Quais são as principais atividades promovidas pelo movimento?
- 3 – O movimento recebe algum auxílio ou apoio do governo ou atua de forma independente?
- 4 – Como o movimento atua quando os bens naturais da APA encontram-se comprometidos pela atividade turística?
- 5- O que o movimento vislumbra para o futuro?